

Presidência da CNBB celebra missa na Basílica de São Pedro e cumpre agenda em Dicastérios da Cúria Romana



A Presidência da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) celebrou, na manhã desta quarta-feira, 28 de janeiro, a Eucaristia na cripta da Basílica de São Pedro, no Vaticano, junto ao túmulo do apóstolo Pedro. A celebração foi presidida por dom João Justino de Medeiros Silva, primeiro vice-presidente da CNBB.

Realizada na memória litúrgica de São Tomás de Aquino, a missa foi vivida como momento de oração e comunhão com toda a Igreja. Durante a celebração, os bispos rezaram pelo povo brasileiro, pelas comunidades eclesiais e pelo fortalecimento da unidade com o ministério do Papa, sucessor de Pedro.

Segundo dom João Justino, estar naquele espaço sagrado expressa a comunhão da Igreja do Brasil com a Sé Apostólica:

“Aqui rezamos por toda a nossa Igreja, pedindo a graça de crescer sempre mais na comunhão, na unidade e na colaboração com o ministério de Pedro”, destacou.

Encontros com Dicastérios

Ainda nesta quarta-feira, 28, a Presidência deu continuidade à agenda institucional com visitas a Dicastérios da Cúria Romana.

No encontro com o Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida, presidido pelo cardeal Kevin Farrell, os bispos agradeceram o apoio e a proximidade do organismo com a Igreja no Brasil, especialmente pela mensagem enviada ao Congresso Nacional da Pastoral Familiar e pela escuta durante o Jubileu das Famílias.

A reunião também incluiu a partilha de experiências sobre a evangelização das juventudes, o processo de atualização de documentos pastorais e a contribuição das famílias e do laicato para a missão evangelizadora no país.

Na ocasião, foram entregues ao Dicastério o Relatório da Presidência da CNBB – Ano 2025, o Texto-Base da Campanha da Fraternidade 2026 e os subsídios Hora da Família.



Já no encontro com o Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral, a Presidência apresentou preocupações sociais que marcam a realidade brasileira e latino-americana, como as questões ecológicas, a expansão do narcocultura, a cultura da violência – especialmente contra as mulheres – e as profundas desigualdades sociais.

Também foram discutidos temas ligados à dignidade do trabalho, incluindo o debate sobre a jornada de trabalho e a chamada “pejotização”. A moradia, tema central da Campanha da Fraternidade 2026, foi outro ponto destacado como urgência pastoral e social.



Com informações e fotos do padre Leandro Megeto | subsecretaria-geral da CNBB
Fonte: CNBB

Grupo de Análise de Conjuntura da CNBB reúne-se em Brasília e define metodologia e prioridades para 2026



O Grupo de Análise de Conjuntura da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) esteve reunido na sede da Conferência, em Brasília (DF), nos dias 26 e 27 de janeiro, para definir metodologia, temas prioritários e o cronograma de atividades para o ano de 2026.

O Grupo é composto por representantes do mundo acadêmico, peritos convidados e integrantes de organismos ligados à CNBB. A partir da soma de saberes de áreas como economia, sociologia, direito, política, cultura e teologia, o grupo tem como missão oferecer, de forma sistemática e periódica, análises de conjuntura ao episcopado brasileiro. O objetivo é contribuir para que a ação evangelizadora da Igreja no Brasil aconteça de maneira encarnada na realidade, levando em conta os grandes desafios do tempo presente.

A iniciativa também busca colaborar com outras forças eclesiais e sociais para a construção de um novo tecido social, marcado pela justiça, fraternidade e solidariedade, com especial atenção ao cuidado com a Casa Comum.

Palavra do presidente da CNBB



Mesmo cumprindo agenda em Roma, o presidente da CNBB, cardeal Jaime Spengler, participou de forma on-line de um momento da reunião e dirigiu uma palavra de encorajamento aos membros do Grupo. Na ocasião, ele contextualizou os encontros da Presidência da CNBB com o Santo

Padre e com organismos da Santa Sé, que acontecem desde o dia 19, em Roma, destacando a importância de uma leitura qualificada da realidade brasileira no cenário internacional.

Dom Jaime ressaltou a relevância do trabalho desenvolvido pelo Grupo e elogiou o crescimento da qualidade das análises nos últimos anos. Segundo ele, trata-se de um material “extraordinário”, que presta um serviço fundamental à missão evangelizadora da Igreja. O cardeal também destacou que a atenção às questões sociais, políticas e econômicas faz parte da responsabilidade cristã e pastoral, especialmente daqueles que exercem ministérios de liderança na Igreja.

“Não é algo que desenvolvemos para nós mesmos, mas em favor do nosso povo, para que a Igreja, em sua missão evangelizadora, possa desenvolver com mais propriedade a própria tarefa”, afirmou.

Cenário internacional e ano eleitoral

Atendendo a pedidos do Grupo, dom Jaime também ofereceu orientações para a elaboração das próximas análises, com atenção especial ao cenário internacional e ao contexto eleitoral. Entre os pontos destacados, ele mencionou a centralidade da Doutrina Social da Igreja, a crise das democracias em diferentes partes do mundo e o enfraquecimento de instâncias internacionais de mediação criadas no pós-guerra.

No contexto brasileiro, o presidente da CNBB expressou o desejo de que o Grupo ajude a compreender com maior profundidade o que está realmente em jogo, tanto no âmbito internacional quanto em suas repercussões na realidade nacional. Dom Jaime também recordou a repercussão positiva da mensagem da CNBB ao povo brasileiro no final de 2025, construída a partir das análises de conjuntura, e sugeriu que iniciativas semelhantes continuem sendo oferecidas à sociedade.



Organização do trabalho do Grupo

O assessor de Relações Institucionais e Governamentais da CNBB, frei Jorge Luiz Soares, explicou que o Grupo de Análise de Conjuntura é formado por especialistas de diversas regiões do país, com forte presença de representantes das Pontifícias Universidades Católicas (PUCs), além de técnicos e acadêmicos de diferentes áreas.

Segundo ele, as análises produzidas não são posicionamentos oficiais da CNBB, mas contribuições qualificadas oferecidas ao episcopado para auxiliar na compreensão da realidade sociopolítica, geopolítica e cultural que impacta a vida pastoral da Igreja no Brasil. Frei Jorge destacou ainda que, ao longo do ano, as análises são apresentadas em reuniões do Conselho Permanente, do Conselho Episcopal Pastoral (Consep) e na Assembleia Geral da CNBB, sendo este encontro anual presencial um momento estratégico para planejamento e alinhamento metodológico.

Análise técnica, pastoral e evangélica



O coordenador do Grupo de Análise de Conjuntura, dom Francisco Lima Soares, enfatizou que o trabalho do grupo se baseia no rigor científico e na objetividade. Formado por especialistas com sólida formação acadêmica em áreas como economia, sociologia, direito, filosofia e antropologia, o

grupo não atua a partir de militâncias ou tendências ideológicas, mas a partir dos dados e análises oferecidos pelas ciências.

Para 2026, estão previstos oito documentos, salvo eventuais mudanças significativas na conjuntura. Segundo dom Francisco, o trabalho busca oferecer ao episcopado e ao povo de Deus subsídios relevantes para a leitura da realidade, especialmente em um ano marcado por eleições e por desafios no cenário político nacional e internacional.

Entre os eixos que nortearão as análises estão a metodologia utilizada pelo grupo, o cenário mundial, a realidade da América Latina e do Caribe, a conjuntura brasileira e suas especificidades regionais. O bispo destacou ainda que o Grupo procura responder a demandas apresentadas pelo próprio episcopado e por diferentes pastorais e comissões da CNBB.

“Além de analisar, o grupo tem um papel importante de oferecer orientação neste período, ajudando a ampliar a compreensão da realidade e contribuindo para o discernimento pastoral da Igreja no Brasil”, concluiu dom Francisco Lima Soares.

Por Larissa Carvalho | Fotos: Fiana Tonhá

Fonte: CNBB

Leão XIV: a Palavra de Deus é uma realidade viva que se desenvolve e cresce na Tradição



O Papa Leão XIV iniciando a Audiência Geral desta quarta-feira

O Papa refletiu em sua catequese, na Audiência Geral, sobre a relação entre a Sagrada Escritura e a Tradição no contexto da Constituição Conciliar *Dei Verbum* sobre a divina Revelação. «A sagrada Tradição e a Sagrada Escritura constituem um só depósito sagrado da palavra de Deus, confiado à Igreja», diz o texto conciliar.

Mariangela Jaguraba - Vatican News

Na catequese da Audiência Geral, desta quarta-feira (28/01), realizada na Sala Paulo VI, o Papa Leão XIV deu continuidade à leitura da Constituição Conciliar *Dei Verbum* sobre a divina Revelação, refletindo sobre a relação entre a Sagrada Escritura e a Tradição.

Tendo como referência duas cenas do Evangelho, a que Jesus aparece aos discípulos no Cenáculo, e quando aparece, na Galileia, e lhes diz para fazerem discípulos todos os povos, nas duas cenas "é evidente a íntima ligação entre a palavra proferida por Cristo e a sua difusão ao longo dos séculos".

Tradição e Sagrada Escrituras estão intimamente unidas

O Concílio Vaticano II, utilizando uma imagem sugestiva, afirma na *Dei Verbum* no número 9:

“«A sagrada Tradição, portanto, e a Sagrada Escritura estão intimamente unidas e compenetradas entre si. Com efeito, derivando ambas da mesma fonte divina, fazem como que uma coisa só e tendem ao mesmo fim».”

"A Tradição Eclesial percorre o caminho da história através da Igreja, que conserva, interpreta e encarna a Palavra de Deus", disse ainda o Papa, recordando que "o Concílio afirma que a «tradição apostólica progride na Igreja sob a assistência do Espírito Santo»". «A Igreja, na sua doutrina, vida e culto, perpetua e transmite a todas as gerações tudo aquilo que ela é e tudo quanto acredita», diz a Constituição Dogmática *Dei Verbum* no número 8.

A Palavra de Deus não é fossilizada

A este propósito, Leão XIV citou a famosa expressão de São Gregório Magno: «A Sagrada Escritura cresce com aqueles que a leem». Citou também Santo Agostinho: «O discurso de Deus que se desenvolve em todas as Escrituras é um só e um só é o Verbo que Se faz ouvir na boca de todos os escritores sagrados».

“A Palavra de Deus, portanto, não é fossilizada, mas uma realidade viva e orgânica que se desenvolve e cresce na Tradição. Esta, graças ao Espírito Santo, compreende-a na riqueza da sua verdade e incorpora-a nas coordenadas mutáveis da história.”

De acordo com o Papa, "neste sentido, é notável a proposta do santo Doutor da Igreja, John Henry Newman, na sua obra intitulada *Ensaio sobre o desenvolvimento da doutrina cristã*". Segundo ele, "o cristianismo, tanto como experiência comunitária quanto doutrina, é uma realidade dinâmica, como o próprio Jesus indicou na parábola da semente: uma realidade viva que se desenvolve graças a uma força vital interior".

Depósito sagrado da palavra de Deus

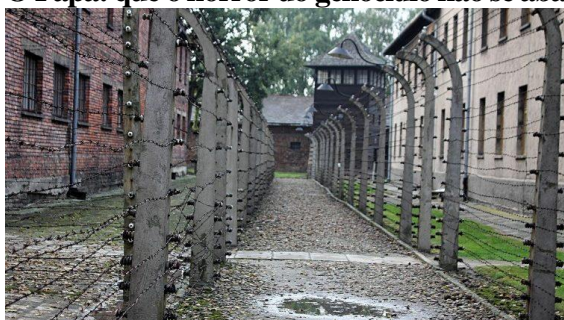
A seguir, o Papa recordou que "o Apóstolo Paulo exorta repetidamente o seu discípulo e colaborador Timóteo: «Timóteo, guarda o *depósito* da fé». "A Constituição dogmática *Dei Verbum* faz eco deste texto paulino quando afirma: «A sagrada Tradição e a Sagrada Escritura constituem um só *depósito* sagrado da palavra de Deus, confiado à Igreja», interpretada pelo «magistério vivo da Igreja, cuja autoridade é exercida em nome de Jesus Cristo». “Depósito é um termo que, na sua matriz originária, tem natureza jurídica e impõe ao depositário o dever de preservar o conteúdo, que neste caso é a fé, e de o transmitir intacto”, disse ainda Leão XIV, acrescentando:

“O “depósito” da Palavra de Deus está ainda hoje nas mãos da Igreja, e todos nós, nos diversos ministérios eclesiais, devemos continuar a guardá-lo na sua integridade, como uma estrela-guia para a nossa jornada através da complexidade da história e da existência.”

O Papa concluiu, convidando "a ouvir mais uma vez a *Dei Verbum*, que exalta o entrelaçamento da Sagrada Escritura e da Tradição: «A sagrada Tradição, a sagrada Escritura e o magistério da Igreja – afirma – de tal maneira se unem e se associam que um sem os outros não se mantém, e todos juntos, cada um a seu modo, sob a ação do mesmo Espírito Santo, contribuem eficazmente para a salvação das almas».

Fonte: Vatican News

O Papa: que o horror do genocídio não se abata mais sobre nenhum povo



Campo de Concentração em Auschwitz, Polônia

Leão XIV lembrou o Dia Internacional em Memória das Vítimas do Holocausto celebrado na quarta-feira, 27 de janeiro, ao final da Audiência Geral desta quarta-feira, realizada na Sala Paulo VI. O Pontífice pediu a Deus "a dádiva de um mundo sem antissemitismo e sem preconceito, opressão e perseguição".

Mariangela Jaguraba - Vatican News

Ao final da Audiência Geral, desta quarta-feira (28/01), realizada na Sala Paulo VI, o Papa Leão XIV recordou, na saudação aos fiéis de língua italiana, o Dia Internacional em Memória das Vítimas do Holocausto, celebrado na terça-feira, 27 de janeiro, "que ceifou a vida de milhões de judeus e várias outras pessoas".

“Nesta ocasião anual de dolorosa lembrança, peço ao Todo-Poderoso a dádiva de um mundo sem antissemitismo e sem preconceito, opressão e perseguição para qualquer ser humano. Renovo meu apelo à comunidade das nações para que esteja sempre vigilante, para que o horror do genocídio não se abata mais sobre nenhum povo e para que se construa uma sociedade baseada no respeito recíproco e no bem comum.”

Santo Tomás de Aquino

Em sua saudação em alemão, o Papa recordou a memória litúrgica de Santo Tomás de Aquino, celebrada nesta quarta-feira. "Com suas obras, ele nos ajuda a compreender cada vez melhor a

Revelação divina" e nos exorta a olhar para o seu exemplo a fim de "buscar o rosto de Deus, experimentando a beleza da fé".

Na saudação em francês, Leão XIV convidou a olhar para a figura do santo a fim de que "nos guie na compreensão das Escrituras, que ele comentou com tanta sabedoria, para que possamos entender o quanto Deus nos ama e deseja a nossa salvação".

Por fim, na saudação em língua italiana, o Papa definiu Santo Tomás de Aquino "um autêntico mestre de vida e santidade".

“Que a intercessão deste Santo Doutor da Igreja obtenha para vocês, queridos doentes, a serenidade e a paz que provêm do mistério da Cruz, e para vocês, queridos recém-casados, sabedoria de coração, para que possam cumprir generosamente a sua missão na sociedade.”

Fonte: Vatican News

A proximidade do Papa às vítimas das inundações em Moçambique



Na saudação aos fiéis de língua portuguesa, na Audiência Geral desta quarta-feira (28/01), Leão XIV se dirigiu aos afetados pelas "inundações devastadoras" que atingem "o querido povo de Moçambique". Mais de 500 mil pessoas foram afetadas tanto no sul como centro do país, segundo dados das Nações Unidas.

Andressa Collet - Vatican News

O pensamento do Papa Leão XIV se voltou novamente às vítimas das enchentes em Moçambique. Há exatamente 10 dias, ao final da oração mariana do Angelus, o Pontífice assegurou "orações pelas vítimas das inundações" que atingiam a parte sul do continente africano. Nesta quarta-feira (28/01), na saudação aos fiéis de língua portuguesa, Leão XIV expressou proximidade "ao querido povo de Moçambique", hoje com mais de 500 mil pessoas afetadas tanto no sul como centro do país, segundo dados das Nações Unidas.

“Queridas irmãs e queridos irmãos, o meu pensamento dirige-se sobretudo ao querido povo de Moçambique, atingido por inundações devastadoras. Ao rezar pelas vítimas, manifesto a minha proximidade aos desalojados e a todos aqueles que lhes oferecem ajuda. Que o Senhor vos ajude e abençoe!”

As inundações, que devastaram casas, instituições de saúde e infraestruturas gerais, provocaram graves interrupções nas cadeias de abastecimento. Segundo dados provisórios do Instituto Nacional de Gestão e Redução do Risco de Desastres (INGD) de Moçambique, citados pela agência de notícias *Lusa*, desde o início da época das chuvas, em outubro, incluindo as últimas semanas de cheias, já morreram 137 pessoas no país, e 148 ficaram feridas. Mas Moçambique enfrenta fenômenos climáticos extremos desde a década de 1970, figurando entre os 10 países mais vulneráveis aos efeitos de alterações climáticas.

A essa situação crítica, a Direção Nacional de Saúde Pública alertou para o ressurgimento da cólera, com transmissão concentrada nas províncias do norte de Moçambique: desde setembro de 2025 já foram registrados cerca de 2.650 casos e 32 mortes.

Fonte: Vatican News

Camerata de Curitiba: do Hino Nacional Brasileiro à saudação do Papa na Audiência Geral

Leão XIV deu as boas-vindas aos músicos brasileiros da 'Camerata Antiqua de Curitiba/PR', presentes na Audiência Geral desta quarta-feira (28/01), durante a saudação aos peregrinos de língua portuguesa. O grupo, que faz turnê internacional pelos 200 anos das relações diplomáticas entre o Brasil e a Santa Sé, interpretou o Hino Nacional Brasileiro em plena Sala Paulo VI.



Andressa Collet - Vatican News

A Sala Paulo VI no Vaticano, na manhã desta quarta-feira (28/01), respirou ares brasileiros com a presença da Camerata de Curitiba/PR na Audiência Geral com Leão XIV. Antes da entrada do Papa para a catequese - que refletiu sobre a relação entre a Sagrada Escritura e a Tradição através do Concílio Vaticano II - o coro e a orquestra interpretaram o Hino Nacional Brasileiro para emoção dos grupos de peregrinos do Brasil, munidos de bandeiras, que cantavam e acompanhavam o ritmo da melodia. O coroamento veio com a manifestação do Papa Leão XIV que citou a presença dos músicos brasileiros em sala:

“Tenho a alegria de dar as boas-vindas aos peregrinos de língua portuguesa, especialmente ao grupo musical Camerata Antiqua de Curitiba, no Brasil.”

O grupo está em turnê internacional pela celebração dos 200 anos de relações diplomáticas entre o Brasil e a Santa Sé desde a semana passada. A Camerata de Curitiba participou de três eventos culturais em Roma, organizados pela Embaixada do Brasil junto à Santa Sé: a missa de ação de graças na Basílica de Santa Maria Maior na última sexta-feira, 23 de janeiro, presidida em língua portuguesa pelo cardeal Pietro Parolin, secretário de Estado do Vaticano, recordando que há 200 anos, no mesmo dia em 1826, o Papa Leão XII recebia as cartas credenciais de monsenhor Francisco Corrêa Vidigal; o concerto na Aula Magna da Universidade La Sapienza no sábado (24/01), uma das instituições mais prestigiadas do mundo; e outro na noite desta terça-feira (27/01) na Embaixada do Brasil junto ao governo italiano na Praça Navona.

A *Camerata Antiqua de Curitiba/PR*, com mais de 50 anos de fundação, é uma das mais antigas do Brasil, segundo o maestro Ricardo Bernardes, com "uma formação única, que compõe tanto coro quanto orquestra". Ele dirigiu os dois primeiros compromissos de Roma, porque o terceiro teve regência da maestrina Mara Campos, que também esteve à frente do coro e da orquestra na Audiência Geral com o Papa Leão XIV. Os maestros também integraram uma delegação que, na segunda-feira (26/01), inclusive acompanhou um ensaio do Coro da Capela Sistina criado para as celebrações papais, atualmente dirigido por um brasileiro, o monsenhor Marcos Pavan.

Fonte: Vatican News

Consagrados, sementes de paz onde a dignidade é ferida



O Dicastério para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica enviou uma carta intitulada "Profecia da Presença: Vida Consagrada onde a dignidade é ferida e a fé é provada". A carta chega poucos dias antes do 30º Dia Mundial da Vida Consagrada, que se celebra na segunda-feira, 2 de fevereiro, e culmina com a Missa presidida por Leão XIV na Basílica Vaticana.

Lorena Leonardi - Cidade do Vaticano

"Profecia de presença e semente de paz" nas desdobramentos da história, homens e mulheres consagrados em todo o mundo são os destinatários da carta assinada nesta quarta-feira, 28 de janeiro, pela Ir. Simona Brambilla, missionária da Consolata e prefeita do Dicastério para os Institutos de Vida

Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica, pelo pró-prefeito, cardeal salesiano Ángel Fernández Artime, e pela secretária, Tiziana Merletti, das Irmãs Franciscanas dos Pobres.

A carta, intitulada "*Profecia da presença: vida consagrada onde a dignidade é ferida e a fé é provada*", é divulgada poucos dias antes do 30º Dia Mundial da Vida Consagrada, que será celebrado na próxima segunda-feira, 2 de fevereiro, Festa da Apresentação do Senhor, e culminará com a Missa presidida por Leão XIV na Basílica de São Pedro às 17h, com transmissão também com comentários em português pela Rádio Vaticano.

Uma presença que permanece

Os expoentes do Dicastério escrevem que, ao longo do último ano, durante viagens e visitas pastorais, tiveram o "dom" de tocar e serem tocados pela vida de muitas pessoas consagradas, encontrando os rostos de muitos deles chamados a compartilhar "situações complexas": contextos marcados por "conflitos, instabilidade social e política, pobreza, marginalização, migração forçada, minorias religiosas, violência e tensões", todos elementos que "põem à prova a dignidade, a liberdade e, por vezes, a própria fé das pessoas". Mas, continuam, trata-se de experiências que revelam simultaneamente a "forte" dimensão profética da vida consagrada como uma "presença que permanece": ao lado de povos e indivíduos "feridos", em lugares onde o Evangelho é vivido em condições de "fragilidade e provação".

Sinais de um Deus que não abandona

Um "permanecer" que assume rostos e desafios "diferentes", assim como diferentes são as complexidades das sociedades, onde o cotidiano é marcado por "fragilidade e insegurança institucional" ou se as minorias religiosas sofrem "pressões e restrições", mas também onde o bem-estar coexiste com "solidão, polarização, novas formas de pobreza e indiferença"; sem esquecer os contextos em que "migração, desigualdade e violência generalizada" desafiam a convivência civil.

Em muitas partes do mundo, "a situação política e social põe à prova a confiança e corrói a esperança", lê-se na carta, razão pela qual a presença "fiel, humilde, criativa e discreta" de pessoas consagradas torna-se um "sinal" de que "Deus não abandona o seu povo".

“Permanecer” segundo o Evangelho

O documento também articula uma reflexão sobre o conceito de “permanecer” evangélico, que nunca é “imobilidade”, muito menos “resignação”, mas sim “esperança ativa” capaz de gerar “atitudes e gestos de paz” por meio de “palavras que desarmam” onde as feridas do conflito parecem apagar a fraternidade, e “relações que testemunham” o desejo de diálogo entre culturas e religiões. Isso inclui “escolhas que protegem” os pequeninos mesmo quando estar com eles exige “um preço a pagar”, “paciência” nos processos, mesmo dentro da comunidade eclesial, “perseverança” na busca de caminhos de reconciliação e “coragem” na denúncia de situações e estruturas que negam a dignidade humana e a justiça. À luz de todos esses elementos, esse “permanecer” não é apenas uma escolha pessoal ou comunitária, enfatizam, mas se torna uma “palavra profética para toda a Igreja e o mundo”.

Tantas expressões de uma única profecia

Precisamente "como semente que aceita morrer para que a vida possa florescer", na capacidade de permanecer se expressa a profecia de toda vida consagrada, em todas as suas diversas e complementares formas: a vida apostólica, por exemplo, torna "visível" uma "proximidade atuante" que sustenta a dignidade ferida; a vida contemplativa "custodia", na intercessão e na fidelidade, a esperança quando a fé é provada.

Ademais, continua a carta, enumerando os estados de vida, os institutos seculares testemunham o Evangelho como um "fermento discreto" nos contextos sociais e profissionais; o *Ordo virginum* manifesta o poder da generosidade e da fidelidade que "se abre para o futuro"; a vida eremítica recorda "a primazia de Deus e o essencial que desarma o coração". Na diversidade de todas essas formas, enfatiza a carta, "uma única profecia toma forma: permanecer com amor, sem abandonar, sem calar, fazendo da própria vida a Palavra para este tempo e para esta história".

Florescer como sementes de paz

E dentro desta “profecia do permanecer”, amadurece um testemunho de paz, entendido – afirma o documento – como “um caminho exigente e cotidiano”, feito de escuta, diálogo, paciência, conversão de mente e coração e rejeição da lógica da opressão dos mais fortes. Por esta razão, explica o documento, a vida consagrada, quando permanece ao lado das feridas da humanidade “sem ceder à

lógica do conflito”, mas “sem renunciar a falar a verdade de Deus sobre a humanidade e a história”, torna-se uma “artesã da paz”.

O documento conclui com agradecimentos aos homens e mulheres consagrados pela sua perseverança, um convite a permanecerem, na sequência do Jubileu a eles dedicado, no último dia 10 de outubro, como peregrinos de esperança no caminho da paz, e uma recomendação ao Senhor para que nos permita “permanecer”, “consolar” e “recomeçar”, e assim sermos, na Igreja e no mundo, “uma profecia de presença e uma semente de paz”.

A mensagem na íntegra:

Cidade do Vaticano, 28 de janeiro de 2026

Profecia da presença: vida consagrada onde a dignidade é ferida e a fé é provada

Queridas consagradas, queridos consagrados,

com esta carta desejamos chegar idealmente até vocês em todas as partes do mundo, nos lugares da vida e da missão de cada um de vocês, para expressar gratidão pela fidelidade ao Evangelho e pelo dom de uma vida que se torna semente espalhada nas dobras da história. Uma vida às vezes marcada pela provação, mas sempre vivida como sinal de esperança.

Ao longo do último ano, durante as viagens e visitas pastorais do Dicastério, tivemos o dom de tocar e de nos deixar alcançar por esta vida, encontrando os rostos de tantas pessoas consagradas chamadas a partilhar situações complexas: contextos marcados por conflitos, instabilidade social e política, pobreza, marginalização, migrações forçadas, minorias religiosas, violências e tensões que põem à prova a dignidade das pessoas, a liberdade e, por vezes, a própria fé. Experiências que revelam o quão forte é a dimensão profética da vida consagrada como «**presença que permanece**»: ao lado dos povos e das pessoas feridas, nos lugares onde o Evangelho é vivido muitas vezes em condições de fragilidade e de provação.

Este «permanecer» assume diferentes formas e esforços, porque diferentes são as complexidades das nossas sociedades: onde a vida quotidiana é marcada por fragilidades Institucionais e insegurança, onde as minorias religiosas vivem pressões e restrições; onde o bem-estar coexiste com solidões, polarizações, novas pobreza e indiferença; onde as migrações, as desigualdades e a violência generalizada desafiam a convivência civil. Em muitas partes do mundo, a situação política e social põe à prova a confiança e desgasta a esperança: e é precisamente por isso que a presença fiel de vocês, humilde, criativa e discreta se torna um sinal de que Deus não abandona o seu povo.

O «permanecer» evangélico nunca é imobilidade nem resignação: é esperança ativa que gera atitudes e gestos de paz: palavras que desarmam precisamente onde as feridas dos conflitos parecem apagar a fraternidade; relações que testemunham o desejo de diálogo entre culturas e religiões; escolhas que protegem os pequenos, mesmo quando ficar do lado deles exige um preço a pagar; paciência nos processos, mesmo dentro da comunidade eclesial; perseverança na busca de caminhos de reconciliação a construir na escuta e na oração; coragem na denúncia de situações e estruturas que negam a justiça e a dignidade das pessoas. Precisamente por isso, este permanecer não é apenas uma escolha pessoal ou comunitária, mas torna-se uma palavra profética para toda a Igreja e para o mundo.

Neste «permanecer» como semente que aceita morrer para que a vida floresça, em formas diferentes e complementares, expressa-se a profecia de toda a vida consagrada. A vida apostólica torna visível uma proximidade operosa que sustenta a dignidade ferida; a vida contemplativa guarda, na intercessão e na fidelidade, a esperança quando a fé é provada; os Institutos seculares testemunham o Evangelho como fermento discreto nas realidades sociais e profissionais; o *Ordo virginum* manifesta a força da gratuidade e da fidelidade que abre para o futuro; a vida eremítica recorda o primado de Deus e o essencial que desarma o coração. Na diversidade das formas, uma única profecia toma corpo: permanecer com amor, sem abandonar, sem calar, fazendo da própria vida a Palavra para este tempo e para esta história.

É precisamente dentro desta profecia de permanência que amadurece um testemunho de paz. O Papa Leão XIV insistiu nisso nas suas intervenções, indicando a paz não como uma utopia abstrata, mas como um caminho exigente e quotidiano que requer escuta, diálogo, paciência, conversão da mente e do coração, rejeição da lógica da prevaricação do mais forte. A paz não nasce da oposição, mas do encontro, da responsabilidade partilhada, da capacidade de escuta e do caminho sinodal, do amor por todos na linha do Evangelho, segundo o qual todos são irmãos. Por isso, a vida consagrada, quando permanece ao lado das feridas da humanidade sem ceder à lógica do confronto, mas sem renunciar a

dizer a verdade de Deus sobre o homem e sobre a história, torna-se — muitas vezes sem alarde — artífice da paz. Caríssimas e caríssimos, agradecemos-vos pela vossa perseverança quando os frutos parecem distantes, pela paz que semeais mesmo quando não é reconhecida.

Continuemos a guardar com gratidão na memória a experiência do Jubileu da Vida Consagrada, que nos chamou a ser peregrinos de esperança no caminho da paz: não é um slogan ou uma fórmula. Vivemos essa experiência concretamente também no caminho que nos preparou para nos encontrarmos em Roma. É, ao invés, um estilo evangélico a ser encarnado, todos os dias, onde a dignidade é ferida e a fé é provada.

Confiamos cada um e cada uma de vocês ao Senhor, para que vos torne firmes na esperança e mansos no coração, capazes de permanecer, de consolar, de recomeçar: e assim de ser, na Igreja e no mundo, profecia da presença e semente da paz.

Ir. Simona Brambilla, M.C. - *Prefeita*

Ángel F. Card. Artime, S.D.B. - *Pró-Prefeito*

Ir. Tiziana Merletti, S.F.P.

Fonte: Vatican News

Cardeal Ambongo: "Após 30 anos, visão da Ecclesia in Africa mais atual do que nunca"



Associação das Conferências Episcopais da Região da África Central (ACERAC)

O Cardeal Fridolin Ambongo Besungu, Arcebispo de Kinshasa, prestou homenagem durante o seu discurso de abertura da 13ª Assembleia Plenária da ACERAC, à Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Ecclesia in Africa*, que celebrou recentemente o seu trigésimo aniversário.

Cidade do Vaticano

O Cardeal Ambongo, na qualidade de Presidente do Simpósio das Conferências Episcopais de África e Madagáscar (SECAM/SCEAM), inaugurou a Assembleia Plenária da ACERAC (Associação das Conferências Episcopais da Região da África Central), que se realiza na capital do Chade, N'Djamena, de 25 de janeiro a 1 de fevereiro, sob o tema "Os Desafios da Igreja, Família de Deus na África Central: 30 Anos após a *Ecclesia in Africa*".

“Há trinta anos, na conclusão do Sínodo Especial para África, o Papa São João Paulo II ofereceu ao nosso continente uma visão profunda através da exortação *Ecclesia in Africa*. Nela, o Papa convidava a Igreja a ser plenamente Família de Deus, uma comunhão enraizada no amor, marcada pela reconciliação, inspirada pela justiça e comprometida com a paz”, recorda o Cardeal Ambongo. Trinta anos depois, sublinha o purpurado, “somos convidados a reconhecer que esta visão não está por nada superada; pelo contrário, é mais urgente do que nunca”.

“Trinta anos não são apenas um indicador cronológico, mas um tempo de auto-exame eclesial”, prossegue o Cardeal. “Somos chamados a discernir claramente o que deu fruto — em particular, a visão da Igreja como Família de Deus — e o que permanece frágil ou incompleto.” “Acima de tudo, se reacende a urgência da missão que nos foi confiada: sermos artífices da reconciliação, da justiça, da paz e da esperança, em fidelidade ao Evangelho e em diálogo com as realidades concretas dos nossos povos.”

Por esta razão, o Cardeal Ambongo indica três “prioridades pastorais que há muito orientam o nosso pensamento e que esta Assembleia é chamada a aprofundar e estruturar ainda mais”. A primeira é a formação de construtores da paz (“Os nossos Seminários, universidades católicas e instituições de formação laical devem formar mulheres e homens capazes de promover a paz, enraizados no Evangelho, nutridos pela Doutrina Social da Igreja e dotados de competências no diálogo e na transformação dos conflitos”).

A segunda prioridade é a governação pastoral sinodal ("A nível diocesano e paroquial, somos convidados a reforçar os processos de escuta, corresponsabilidade e transparência, para que a Igreja possa verdadeiramente caminhar unida como uma família, onde as decisões são tomadas em comunhão.") A terceira é o compromisso social profético ("A Igreja deve continuar a reforçar as Comissões de Justiça e Paz, promover a educação cívica, apoiar as vítimas da violência e criar espaços de diálogo que contribuam para a reconciliação e a coesão social") – *com a agência Fides*.

Fonte: Vatican News

Maria Cristina Ogier: modelo de santidade em prol da Amazônia



A vida extraordinária desta jovem que, mesmo muito doente, alcançou a missão dos Frades Menores Capuchinhos na Amazônia.

Vatican News

Os Frades Menores Capuchinhos divulgaram um vídeo sobre a vida extraordinária da jovem Terciária Franciscana Maria Cristina Ogier, modelo de santidade por sua capacidade de “Amar sem limites”.

Com sua caridade, mesmo muito doente, Maria Cristina Ogier alcançou a missão dos Frades Menores Capuchinhos na Amazonia, mobilizando benfeitores e voluntários para construir um Barco Hospital que ajudou muitas comunidades ribeirinhas e indígenas na Diocese do Alto Solimões, no tempo de Fr. Pio Conti, capuchinho e médico, na Fraternidade e Paróquia de São Paulo de Olivença.

Divulgue a devoção a essa jovem franciscana, Venerável Serva de Deus! Fonte: Vatican News

Espanha, Decreto regularizará 500 mil migrantes. Bispos: ato de justiça social



Migrantes em um centro de acolhimento enquanto participam da Santa Missa

Uma sociedade mais justa e inclusiva, onde ninguém seja relegado à invisibilidade: esta é a direção tomada pelo decreto real que estabelece a regularização, até 30 de junho de 2026, de mais de meio milhão de pessoas que chegaram ao país em busca de trabalho. Para o governo, é “um dia histórico”, aplaudido pela Conferência Episcopal Espanhola, que, juntamente com 900 organizações, trabalha há mais de quatro anos na Iniciativa Legislativa Popular sobre Imigração

Vatican News

Mais de 500 mil migrantes que se encontram atualmente na Espanha sem autorização de residência, documentos ou qualquer tipo de proteção, muitas vezes trabalhando anonimamente e, em sua maioria, sob os cuidados da Igreja, poderão agora viver de forma estável e legal, de acordo com o Decreto Real emitido pelo governo Sánchez, que será aprovado em regime de urgência. Bispos, associações civis e ONGs aplaudem o decreto, enquanto a oposição critica: "O primeiro-ministro só quer substituir os espanhóis". Nos últimos anos, foram justamente os imigrantes com autorização legal, provenientes principalmente da América Latina e de países europeus fora da União Europeia, que impulsionaram a economia espanhola, que finalmente está em crescimento. A notícia do decreto coincide com a divulgação de dados sobre o emprego, que também são bastante animadores. Pela

primeira vez desde 2008, a taxa de desemprego na Espanha está abaixo de 10%, com 605.400 novos empregos em 2025.

Requisitos para regularização

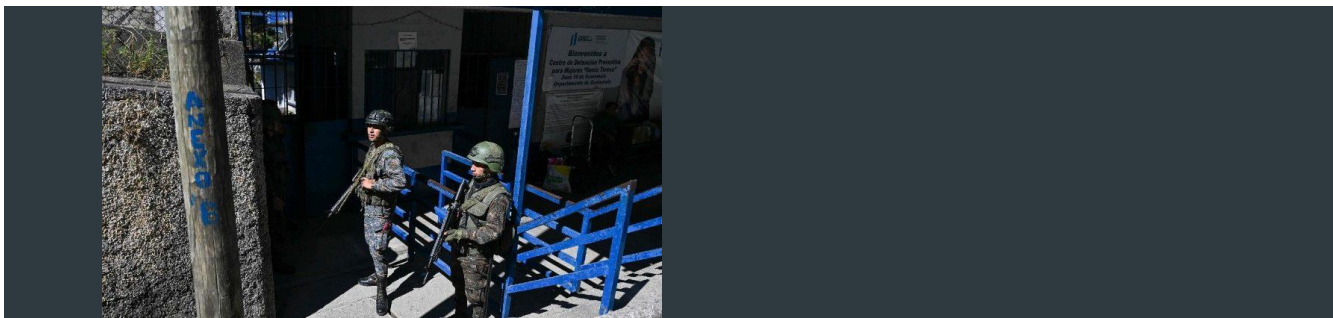
A medida, resultado de um acordo entre o Podemos e o PSOE, foi anunciada pela ministra da Inclusão, Segurança Social e Migração, Elma Saiz, explicando que estrangeiros que chegaram à Espanha antes de 31 de dezembro de 2025, que tenham permanecido no país por pelo menos cinco meses, bem como solicitantes de proteção internacional, poderão fazer o pedido para regularização. Outro requisito importante é a ausência total de antecedentes criminais. Os migrantes que receberem uma resposta positiva terão direito à residência legal válida por um ano, após o qual poderão solicitar as autorizações previstas no Regulamento sobre Estrangeiros, alterado em 2025. Aqueles que atenderem aos requisitos poderão começar a apresentar as solicitações no início de abril. Tudo será alcançado por meio de um mecanismo simples para derrubar as barreiras burocráticas do passado, pelo menos essa é a promessa, e permitirá que estrangeiros trabalhem a partir do dia em que sua solicitação for aceita, em qualquer setor. Benefícios para o trabalhador, portanto, mas também para as empresas. Por último, mas não menos importante, o decreto permitirá a regularização dos filhos menores dos solicitantes, e somente nesse caso a autorização terá validade de cinco anos. "Hoje é um dia histórico para o nosso país; estamos fortalecendo um modelo migratório baseado nos direitos humanos, na integração e na convivência, e compatível com o crescimento econômico e a coesão social", disse a ministra.

Um ato de justiça social

A Igreja compartilha dos aplausos, que em um comunicado publicado no site oficial da Conferência Episcopal Espanhola descreve a medida como "um ato de justiça social e reconhecimento aos muitos migrantes que há muito contribuem para o desenvolvimento do país por meio de seu trabalho, apesar de estarem em situação irregular". Os bispos, juntamente com a Rede de Organizações para o Desenvolvimento Solidário (Redes), a Conferência Espanhola de Religiosos (Confer), a Caritas e outras 900 organizações que trabalham na Iniciativa Legislativa Popular (ILP) há quatro anos, consideram a regularização extraordinária "um complemento essencial ao Regulamento de Imigração, pois oferece uma solução para aqueles que não conseguem acessar os canais ordinários", configurando, na prática, uma medida de responsabilidade política, ética e social. O Regulamento, embora seja um passo positivo, deixa de fora diversos "grupos vulneráveis": pessoas que não conseguem comprovar a permanência mínima de dois anos, trabalhadores que não conseguem apresentar um contrato formal, requerentes de proteção internacional rejeitados, famílias com menores em situação irregular, adultos com a idade avançada, pessoas com deficiência, sem-teto ou doentes crônicos.

Sair da invisibilidade

Segundo o IX Relatório Foessa, 68% dos migrantes irregulares na Espanha vivem em situação de exclusão social. Segundo os dados mais recentes divulgados pela Caritas, 47% das pessoas ainda não regularizaram sua situação, o que equivale a 550 mil migrantes. Esse número vem crescendo constantemente desde 2019. Os bispos espanhóis também lembram o imenso esforço de diálogo que levou mais de 900 organizações a apoiarem a Iniciativa Popular Legislativa, instrumento previsto na Constituição espanhola que permite aos cidadãos propor novas leis, considerando que a última legalização para imigrantes irregulares na Espanha foi decretada pelo governo Zapatero em 2005. "Chegou a hora de darmos um passo decisivo rumo a uma sociedade mais justa e inclusiva, onde ninguém seja relegado à invisibilidade e à exclusão", concluem os bispos. - Fonte: Vatican News



Guatemala, o presidente dos bispos: paz e justiça contra violências e corrupção

Após os motins nas penitenciárias e o assassinato de dez policiais nas ruas, dom Rodolfo Valenzuela Núñez lança um apelo à sensatez e à razão: "Devemos lutar juntos pelo bem do povo. Os

culpados não são apenas membros de gangues criminosas, mas também os interesses econômicos e ideológicos, que estão por trás"

Vatican News

Reina uma calma tensa que, por vezes, parece surreal, como afirma dom Rodolfo Valenzuela Núñez, bispo de Vera Paz, com sede em Cobán, e presidente da Conferência Episcopal da Guatemala: "Cautela e medo imperam entre os cidadãos. Há uma percepção de que o governo reagiu muito rapidamente". E quando o bispo diz "cautela e medo", quer dizer: "Na Cidade da Guatemala, capital do país centro-americano, as pessoas ainda têm medo de sair de casa, embora dezenas de policiais e soldados antimotim, patrulham bairro por bairro, em busca de membros de gangues criminosas, que mataram 10 policiais em emboscadas terroristas, no domingo (18/01), depois que membros de organizações criminosas, detidos em três diferentes penitenciárias, começaram os motins, depois dominados pelas forças de segurança.

Controles direcionados

Notícias recentes afirmam que, entre os mais de duzentos presos, resultantes das restrições e controles, impostos pelo estado de emergência, aprovado pelo Parlamento por 30 dias, se encontram pelo menos vinte afiliados das gangues Barrio 18 e Mara Salvatrucha, duas das mais poderosas, que dominam o país com violências e controlam, sobretudo, o Departamento da Guatemala e a capital. A este respeito, o presidente da Conferência Episcopal local fala à imprensa vaticana: "Os motins nas penitenciárias, orquestrados por gangues, numa tentativa de garantir um regime prisional mais flexível para seus afiliados, podem se verificar, sobretudo, por um motivo: porque as penitenciárias estão nas mãos dos próprios criminosos; os membros das gangues as controlam, os agentes penitenciários são corruptos e o sistema judicial também é devasso; assim, em tais centros de detenção, não se consegue respeitar a lei".

Interesses ocultos

O que mais leva a enfurecer as gangues são os controles policiais e as tentativas de repressão, que provocam reações violentas contra o Estado, como as que ocorreram no início da semana passada. Como diz o nosso presidente, César Bernardo Arévalo de León: "Sabemos quem está por detrás de tudo isso, ou seja, os grupos que se beneficiam da corrupção e se recusam deixar-nos viver em transparência e justiça no país". No fundo, os culpados não são apenas os membros de gangues criminosas, mas também os interesses econômicos e ideológicos, que estão por trás.

Mal generalizado

Após lançarem um apelo à sensatez e à paz e expressarem seu desejo de apoiar as famílias dos policiais mortos, os bispos pediram às autoridades para cumprir suas promessas feitas nas campanhas eleitorais: lutar com todos os meios contra o mal generalizado pela corrupção. Dom Rodolfo Valenzuela Núñez não tem medo de afirmar: "A Conferência Episcopal da Guatemala acredita que o governo tem graves fragilidades; no entanto, deve ser apoiado em uma batalha, que já se sabia, desde o início, ser desigual e difícil contra as forças políticas e econômicas obscuras e seus interesses". Para confirmar seu conceito, o bispo recorda a memória do arcebispo Juan Gerardi, do padre Hermógenes López, dos Missionários do Sagrado Coração, e de muitos outros religiosos e leigos, vítimas da violência, em um passado não muito distante: "Estas figuras encorajam-nos em nosso caminho de resistência e esperança".

Missas suspensas

Na região da Arquidiocese de Santiago da Guatemala, onde, na terça-feira da semana passada, a polícia descobriu os corpos de três mulheres, das quais uma grávida e duas adolescentes, possivelmente assassinadas, durante acertos de contas entre gangues. A escalada de violência, segundo dom Valenzuela, "levou à suspensão de celebrações eucarísticas e de Missas noturnas, por precaução. No resto do país, graças a Deus, as atividades pastorais continuam normalmente".

Não apenas segurança

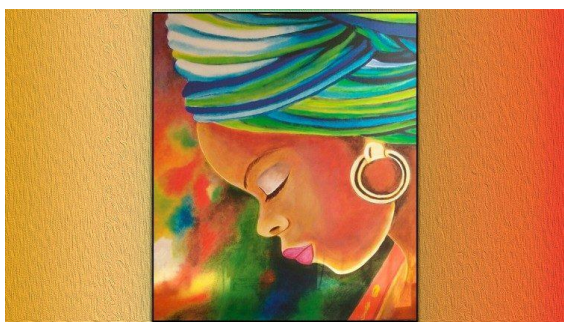
Os motins nas penitenciárias e o assassinato de policiais não só aumentam os temores pela segurança nacional, mas também podem representar um ataque direto a todo o processo político, declaram ainda os bispos da Guatemala: "A população está bastante preocupada porque isso pode, realmente, mudar o futuro imediato do país. Este ano, serão realizadas as chamadas eleições de segundo grau, que elegerão os magistrados dos Tribunais de Justiça e Constitucionalidade e do

Supremo Tribunal Eleitoral. Se a corrupção nestes órgãos não for combatida, nada mais funcionará. Há interesses hipotéticos que querem impedir as mudanças institucionais".

Momento crucial

Os bispos guatemaltecos estão cada vez mais cientes de que o crime organizado pode ser derrotado através dos instrumentos de inteligência do Estado e das Forças Armadas e não fazendo processos sumários, explica dom Rodolfo Valenzuela Núñez: "Somos contrários a ações arbitrárias, que acusam e condenam, sem o devido processo legal, os responsáveis pela violência contra o povo". Porém, o bispo vai mais além, dizendo: "Não é suficiente prender os criminosos, mas também as mentes sofisticadas e astutas que estão por trás". E o bispo conclui: "Reitero que é necessário identificar claramente os interesses ocultos, mencionados pelo presidente, mas aplicar também a força da lei contra eles. Por isso, achamos que é realmente crucial o momento político, que levará pessoas honestas à magistratura, que serão eleitos este ano. Nós, bispos, insistimos: os cristãos, em sintonia com a Doutrina da Igreja, devem agir nos setores políticos e governamentais. Infelizmente, a ausência deles, com raras exceções, é realmente evidente".

Fonte: Vatican News



Foco na História: as grandes civilizações africanas.

Foco na História: as grandes civilizações africanas. Império de Axum

Alguns dos reinos existentes na África podiam se rivalizar com qualquer uma das grandes civilizações que existiram no Oriente Médio ou Extremo Oriente. Uma dessas civilizações foi formada pelo Império Axum.

Padre José Inácio de Medeiros, CSsR - Instituto Histórico Redentorista

Durante o período que chamamos de Idade Média até o início da Idade Moderna que classificam a História Europeia (séculos V ao XV), poderosos Estados se desenvolveram na África Ocidental. Por sua enorme riqueza, tornaram-se o principal eixo de comércio entre o Mar Mediterrâneo e o interior da África. Vários deles deram origem a algumas das modernas nações africanas e também influenciaram a cultura e a religião de outras realidades como o Brasil.

Alguns dos reinos existentes na África podiam se rivalizar com qualquer uma das grandes civilizações que existiram no Oriente Médio ou Extremo Oriente. Uma dessas civilizações foi formada pelo Império de Axum.

Império de Axum

O Império de Axum (ou Aksum) foi uma antiga e poderosa civilização africana localizada na região também conhecida como "Chifre da África", norte da atual Etiópia e Eritreia, abrangendo o Djibuti e partes do Sudão, estendendo-se até o sul da Arábia.

O Império floresceu entre 100 e 940 d.C., transformando-se aos poucos num importante centro comercial entre o Egito, o Mar Vermelho e a Índia, famoso por sua riqueza.

O Império desenvolveu sua própria escrita, cunhou as próprias moedas e sua capital, Axum, se transformou num grande mercado e centro cultural. Em seu apogeu, Axum foi o principal centro de comércio entre o vale do Rio Nilo e os portos do mar Vermelho, sendo um importante ponto na rota comercial entre o Império Romano e a Índia.

No século IV, já haviam se transformado no Estado de maior expressão do reino da Núbia e, por conta das relações com o mar Vermelho, local de articulação entre populações africanas e árabes, adotaram o cristianismo, que se espalhou em boa parte do território sob o domínio romano, inclusive no Egito.

A cidade de Axum, localizava-se num planalto, acima do nível do mar e longe do litoral, o que facilitava a sua defesa, conseguindo ainda um grande aproveitamento dos recursos minerais,

desenvolvendo o cultivo de cereais como a cevada e o sorgo e o Tefé que até os dias atuais compõe a base da alimentação das populações etíopes.

Como controlava algumas das rotas comerciais cruciais do Mar Vermelho, trocando marfim, ouro, incenso e escravos por luxos romanos como tecidos e vinho e asiáticos como especiarias e seda usados, sobretudo, pela nobreza do império, isso garantiu um grande esplendor de vida.

No império o poder era centralizado, e isso facilitava a construção de palácios e outras obras como estátuas e obras de devoção encontradas. Vestígios deste Império mostram que era uma sociedade complexa, hierarquizada e diversa, que tinha como representante máximo o título de negus.

Era comparado a grandes impérios como Roma e Pérsia, sendo uma das quatro maiores potências mundiais em seu auge.

O declínio do império começou a partir do século VII, devido à ascensão do poder árabe muçulmano no comércio do Mar Vermelho e conflitos internos.

Legado:

Segundo uma tradição religiosa não confirmada, Axum é o suposto local onde estaria guardada a Arca da Aliança com as tábuas dos Dez Mandamentos. A língua falada no império se transformou na língua litúrgica da Igreja Etíope. Axum é também o suposto lar da rainha de Sabá, mencionada na Bíblia, ainda que outras versões, apontem o atual Iêmen como o local de origem da rainha.

Sua herança influenciou o desenvolvimento posterior do Reino da Abissínia e sua cultura cristã única na África Oriental, com a cidade de Axum, localizada no norte da Etiópia, ainda sendo um importante centro espiritual.

Fonte: Vatican News

Guerra na Ucrânia: militares mortos, feridos e desaparecidos seriam quase 2 milhões

A Rússia e a Ucrânia nunca publicaram números detalhados sobre suas baixas em combate, mas, de acordo com o relatório do Centro de Estudos Estratégicos e Internacionais (CSIS), o número de mortos ucranianos situa-se 500.000 e 600.000, em comparação com os 1,2 milhão de mortos, feridos e desaparecidos da Rússia.

Vatican News

A Rússia e a Ucrânia nunca publicaram números detalhados sobre suas baixas em combate. Mas segundo um estudo divulgado pelo New York Times, "as baixas entre as tropas na guerra na Ucrânia estão se aproximando de 2 milhões. Após quase quatro anos de combates na Ucrânia, o número de mortos, feridos e desaparecidos está atingindo uma marca sombria", escreve o jornal.

Já um novo relatório do Centro de Estudos Estratégicos e Internacionais (CSIS), divulgado em 27 de janeiro, afirma que a Rússia sofreu "mais perdas do que qualquer outra grande potência em qualquer guerra desde a Segunda Guerra Mundial", pagando um preço alto por ganhos territoriais limitados, enquanto sua guerra na Ucrânia se arrasta por quatro anos. O Kremlin, em um comunicado divulgado nesta quarta-feira, 28, desmente as estimativas apresentadas pelo CSIS.

De acordo com o relatório do Centro de Estudos Estratégicos e Internacionais (CSIS), o número de mortos e feridos ucranianos é estimado entre 500.000 a 600.000, em comparação com os 1,2 milhão de mortos, feridos e desaparecidos da Rússia. Somente os mortos nas fileiras russas seriam 325 mil soldados, constata o relatório.

Comparadas aos conflitos entre grandes potências desde a Segunda Guerra Mundial, as perdas de Moscou são impressionantes, observa o relatório. Os Estados Unidos perderam aproximadamente 57.000 soldados na Guerra da Coreia e 47.000 durante a Guerra do Vietnã. As perdas da Rússia na Ucrânia são cinco vezes maiores do que as perdas totais em todas as guerras russas e soviéticas desde a Segunda Guerra Mundial, incluindo a guerra no Afeganistão e as duas guerras na Chechênia, afirma ainda o CSIS.

O relatório do CSIS também afirma que a Ucrânia mantém uma vantagem significativa como força defensiva no campo de batalha: a estratégia de "defesa em profundidade" de Kiev — que envolve o uso de trincheiras, obstáculos antitanque, minas e outras barreiras, juntamente com drones e artilharia — tem dificultado as tentativas da Rússia de obter ganhos significativos, afirma o relatório. Enquanto isso, as perdas em combate favorecem a Ucrânia numa proporção de 2,5 ou 2 para 1.

Embora o presidente russo, Vladimir Putin, tenha afirmado repetidamente que suas forças tomaram a iniciativa no campo de batalha, o CSIS conclui que os avanços da Rússia têm sido lentos e difíceis, mesmo após anos de combates.

Perto de Pokrovsk, a área mais tensa da linha de frente ao longo de 2025, as forças russas avançaram a uma taxa média de apenas 70 metros por dia — um ritmo mais lento até mesmo do que algumas das batalhas mais sangrentas do século passado.

No geral, as forças russas conquistaram menos de 1,5% do território ucraniano desde o início de 2024, o que destaca o que o relatório descreve como "a natureza desgastante da guerra", marcada por perdas maciças de pessoal e equipamentos, mas com ganhos limitados no campo de batalha.

O estudo também descreve a Rússia como uma "potência econômica de segunda ou terceira categoria", citando desafios como o declínio da indústria manufatureira, a escassez de mão de obra e a diminuição do capital.

Da mesma forma, em tecnologias emergentes, a Rússia continua atrasada, já que o país não possui nenhuma empresa entre as 100 maiores empresas de tecnologia do mundo e permanece atrás das nações líderes em setores-chave, como inteligência artificial.

E em se tratando do uso de tecnologia no campo de batalha, o novo ministro da Defesa da Ucrânia, Mykhailo Fedorov, nomeado em 14 de janeiro, tem ideias claras sobre seus planos futuros: passar do número recorde de "35.000 soldados russos eliminados em dezembro para uma média mensal de 50.000"; aumentando a produção de "drones de última geração"; estruturando cada vez mais a colaboração entre as indústrias militares e os soldados no campo de batalha.

Ele os chama de "a matemática da guerra", acreditando que o poderio militar russo é apenas aparentemente superior ao da Ucrânia, pois se Kiev for capaz de explorar racionalmente seus recursos, a ajuda de seus aliados e, sobretudo, a inteligência de seu capital humano, então a guerra poderá ser vencida. Colaborador de Zelensky desde a época em que o presidente era ator e recém-formado na faculdade, considerado um gênio da computação, Fedorov foi nomeado ministro da Transformação Digital antes dos 30 anos e hoje, aos 35, está à frente do que muitos especialistas militares e oficiais da OTAN consideram "o exército europeu mais forte e inovador".

O CSIS argumenta que a estagnação econômica da Rússia e sua ausência em setores em crescimento refletem seu declínio mais amplo como uma grande potência, cada vez mais incapaz de competir com líderes econômicos globais como a China e os Estados Unidos.

A publicação do relatório ocorre em meio a uma renovada pressão liderada pelos EUA para pôr fim à guerra na Ucrânia, bem como à crescente pressão sobre Kiev para que faça concessões territoriais — apesar da incapacidade da Rússia de garantir a segurança da região de Donbass, mesmo após mais de uma década de combates.

Fonte: Vatican News

Comissão Nacional Justiça e Paz contesta «instrumentalização» dos valores cristãos para discursos de «ódio»

Organismo católico apela a «compromisso sério e empenhado com os valores democráticos»



Foto: Lusa

A Comissão Nacional Justiça e Paz (CNJP) rejeitou hoje a “instrumentalização” de valores cristãos para fins políticos, numa nota que critica ainda a promoção de discursos de ódio.

“Esta instrumentalização não é inédita. Tem-se assistido, nos últimos tempos, à colagem de partidos e movimentos aos valores das comunidades cristãs, através do aproveitamento de causas como

a defesa do direito à vida intrauterina ou da defesa da exposição do presépio em espaços públicos, promovendo simultaneamente a discriminação e discursos de ódio”, indica a CNJP, num texto enviado à Agência ECCLESIA.

O organismo católico entende que esta estratégia visa “captar eleitores que priorizam esses temas e que, por essa razão, tendem a relativizar outras posições políticas, mesmo quando estas contradigam as verdades do Evangelho”.

As Igrejas cristãs e os seus fiéis devem tomar consciência do seu importante papel numa denúncia corajosa e num afastamento claro de tudo aquilo que perverte o valor fundamental de amor ao próximo.”

A estrutura presidida por Pedro Vaz Patto sublinha que a defesa da identidade cristã não pode “prescindir das verdades do Evangelho”, nem estar dissociada dos ideais de solidariedade, verdade, justiça e paz, sob o risco de “ficar corrompida”.

“A política, enquanto forma mais elevada da caridade e com vista à construção do bem comum, não deve promover ódio nem divisão”, insiste a CNJP, alertando para a discriminação que muitas vezes acompanha estes discursos.

A posição da CNJP surge no contexto da campanha para as eleições presidenciais, cuja segunda volta decorre a 8 de fevereiro.

A Comissão exorta a um compromisso sério e empenhado com os valores democráticos, a defesa intransigente dos direitos humanos, a proteção dos mais pobres, a coesão social, a cooperação entre povos e políticas orientadas para o desenvolvimento integral de todos. É nisso que deve assentar a verdadeira radicalidade daqueles que estão comprometidos com o Evangelho.”

A 13 de janeiro, a Conferência Episcopal Portuguesa apelou à participação de todos os cidadãos nas eleições, sublinhando que “exercer o direito de voto é uma expressão concreta do serviço ao bem comum, de corresponsabilidade na construção da sociedade e um sinal de respeito pela democracia”.

A nota do Conselho Permanente do episcopado destacava a importância da ida às urnas, “mesmo quando existem discordâncias em relação às opções apresentadas” pelos candidatos a Belém.

A CNJP é um organismo laical da Conferência Episcopal Portuguesa, que tem como finalidade promover e defender a Justiça e a Paz, à luz do Evangelho e da Doutrina Social da Igreja.

Fonte: Agência Ecclesia

Temporal derruba dezenas de árvores no Santuário de Fátima, Portugal, mas poupa Capelinha das Aparições

Rajadas de vento provocaram estragos no Recinto e nos Valinhos, sem afetar o programa celebrativo



Foto: Santuário de Fátima

A passagem da tempestade Kristin pela Cova da Iria derrubou dezenas de árvores no Santuário de Fátima, com rajadas de vento na ordem dos 140 quilómetros por hora, informou a instituição.

“As mais afetadas foram os cedros e os pinheiros das alamedas do Recinto de Oração, mas registaram-se igualmente quedas de árvores nas traseiras da Basílica de Nossa Senhora do Rosário e na zona de Valinhos”, refere uma nota divulgada online.

Ao nível do património edificado, a tempestade provocou estragos de “pequena monta” em algumas infraestruturas, mas a Capelinha das Aparições e a centenária azinheira “não sofreram qualquer dano”.

A instituição mantém o programa celebrativo, sem interrupções

Os acessos ao Recinto de Oração estão desobstruídos e os trabalhos de remoção e limpeza decorrem desde manhã cedo, devendo estender-se aos próximos dias.

A passagem da depressão Kristin pelo território nacional provocou estragos significativos em várias regiões, com a Proteção Civil a registar mais de 2600 ocorrências.

O mau tempo causou a morte a uma pessoa em Vila Franca de Xira e quatro no concelho de Leiria, tendo o autarca Gonçalo Lopes precisado que duas mortes estão “diretamente ligadas à depressão” e as outras duas se deveram a paragens cardiorrespiratórias.

Fonte: Agência Ecclesia

Crise vocacional nos EUA: a maioria dos institutos religiosos não registrou votos perpétuos em 2025

Um relatório da Universidade de Georgetown traça o perfil dos novos religiosos.



Foto: Diócesis de Canarias

O relatório anual do Centro de Pesquisa Aplicada ao Apostolado (CARA, na sigla em inglês), da Universidade de Georgetown, revela uma realidade preocupante para a vida religiosa nos Estados Unidos: a grande maioria dos institutos religiosos não registrou nenhuma profissão de votos perpétuos em 2025.

De acordo com o estudo intitulado “Mulheres e Homens que Professam Votos Perpétuos na Vida Religiosa: A Turma de Profissão de 2025”, 82% dos institutos religiosos que participaram da pesquisa não tiveram nenhum membro que tenha professado votos perpétuos no ano passado.

O relatório aponta que cerca de 1 em cada 10 institutos (aproximadamente 10%) registrou exatamente uma profissão perpétua. Já 8% dos institutos relataram entre dois e nove membros que fizeram a profissão de votos perpétuos em 2025.

No total, os institutos que responderam à pesquisa reportaram 179 profissões perpétuas ao longo do ano — sendo 74 mulheres e 105 homens. Dos que professaram votos perpétuos, cerca de 69% nasceram nos Estados Unidos, enquanto 12% são da Ásia, 9% da América Latina e 7% da África.

A formação católica e a participação em atividades espirituais parecem ter desempenhado um papel crucial na vocação religiosa dos novos professos perpétuos nos Estados Unidos, conforme revela o relatório.

Cerca da metade dos inquiridos afirmou ter frequentado uma escola católica no ensino fundamental ou médio, enquanto um terço estudou em uma escola secundária católica, e aproximadamente 39% frequentaram uma universidade ou faculdade católica.

Outro fator destacado é a intensa participação em grupos de oração e programas de discernimento. Quase todos os novos professos relataram ter participado regularmente de grupos de oração antes de ingressar na vida religiosa. Além disso, pelo menos 92% frequentaram ao menos um programa de discernimento vocacional.

O estudo CARA inclui respostas de 520 dos 723 superiores maiores contatados, o que representa uma taxa de resposta elevada de aproximadamente 72% entre os institutos religiosos nos Estados Unidos. Das 179 profissões perpétuas identificadas, 130 (equivalente a 73%) responderam à pesquisa até 6 de janeiro de 2026, fornecendo um panorama detalhado sobre o perfil e as experiências desses religiosos.

A pesquisa é realizada anualmente pelo CARA a pedido da Secretaria de Clero, Vida Consagrada e Vocações da Conferência dos Bispos Católicos dos Estados Unidos (USCCB), com o objetivo de mapear o perfil e as experiências daqueles que se consagram definitivamente à vida religiosa.

A idade média dos religiosos que responderam à pesquisa é de 38 anos. Metade dos religiosos que responderam tem 35 anos ou menos. O mais jovem tem 22 anos e o mais velho tem 74.

A notícia foi originalmente reportada por Madalaine Elhabbal, jornalista da Aciprensa (agência ligada à EWTN News).

Fonte: Gaudum Press

Belém: Obras de restauração da Gruta da Natividade são iniciadas

“Restaurar este lugar sagrado significa preservar a continuidade da Fé, da memória e da devoção na terra da Natividade”, diz uma nota divulgada pela Custódia da Terra Santa.



A Gruta da Natividade, local onde Nosso Senhor Jesus Cristo nasceu em Belém, se prepara para sua primeira restauração em seis séculos. O anúncio foi feito em conjunto pelo Patriarcado Ortodoxo Grego de Jerusalém e pela Custódia da Terra Santa, que expressaram sua alegria com esta iniciativa. O projeto de reforma conta com a colaboração do Patriarcado Ortodoxo Armênio e está sendo realizado sob o patrocínio da Presidência do Estado da Palestina.

O líder palestino Mahmoud Abbas descreveu que a retomada das obras no local de nascimento do Príncipe da Paz é “um sinal de grande esperança e renascimento para toda a Terra Santa”. O decreto presidencial relativo à restauração do local foi promulgado em 2024, através deste documento será oferecido à este lugar sagrado tudo o que lhe é necessário para que ele finalmente seja restaurado.

Trabalhos de restauração serão realizados por empresa italiana

A empresa responsável pela restauração é a mesma que atuou na Basílica da Natividade há dois anos. Esta escolha é baseada na necessidade de garantir a continuidade do método, a expertise artesanal e a sensibilidade artística para com um local de valor sagrado inigualável. Os preparativos preliminares já estão concluídos e os trabalhos estão prestes a começar.

Segundo Giammarco Piacenti, diretor da empresa italiana responsável pela restauração, os trabalhos serão iniciados no final de janeiro e abrangerão todas as superfícies da gruta, ou seja, a rocha nua, os pisos de mármore, as colunas, as decorações, a estrela de prata que marca o local exato do nascimento de Jesus, o mosaico e o altar. Desde 2013, quando a empresa começou a atuar na Terra Santa, muitos trabalhadores foram treinados e agora oito deles seguirão na restauração da Gruta da Natividade.



Preservar a continuidade da Fé, da memória e da devoção na terra da Natividade

O projeto aprovado inclui, além das obras no interior da gruta, medidas de consolidação técnica nas seções adjacentes, refletindo tanto a unidade arquitetônica do Santuário quanto o espírito de cooperação que o preserva para toda a humanidade. Em nota, a Custódia da Terra Santa explicou que “este projeto incorpora um compromisso cristão unificado com o objetivo de preservar o patrimônio espiritual, histórico e cultural da Gruta Sagrada para as gerações futuras e de proteger a dignidade de um lugar onde a proclamação cristã tomou forma visível e onde, ao longo dos séculos, fiéis de todas as nações se reuniram em peregrinação”.

“Restaurar este lugar sagrado significa preservar a continuidade da Fé, da memória e da devoção na terra da Natividade. Por meio deste esforço coletivo, as Igrejas de Jerusalém protegem a herança do Evangelho que lhes foi confiada e garantem que os fiéis de todas as tradições possam continuar a venerar com reverência o local de nascimento de Cristo. De Belém, a luz da Natividade continua a iluminar o mundo, testemunhando a presença cristã duradoura na Terra Santa e a esperança que resplandece da gruta sagrada onde nasceu o Salvador”, conclui a nota. (EPC)

Fonte: Gaudium Press

China: novo bispo empossado na Diocese de Pingliang em meio às tensões sino-vaticanas

Dom Hui foi nomeado como bispo coadjutor pelo Papa Francisco em 11 de janeiro de 2021, sendo o quinto bispo chinês a ser nomeado e ordenado no âmbito do Acordo Provisório sobre a Nomeação de Bispos na China.



Foto: chinacatholic.cn

Em uma transição significativa para a comunidade católica da China, o bispo coadjutor Anthony Li Hui, de 54 anos, assumiu a liderança da Diocese de Pingliang, na província de Gansu, China, sucedendo o bispo Nicholas Han Jide, de 85 anos, que esteve à frente da diocese por um longo tempo.

A posse do novo bispo, noticiada pelo portal católico chinês Xinde.org e chinacatholic.cn, ocorreu durante uma solene celebração eucarística na Catedral de Pingliang, em 15 de janeiro, com a presença de clérigos, religiosos e leigos, além de representantes do Departamento de Trabalho da Frente Única — o órgão do Partido Comunista responsável pela supervisão dos assuntos religiosos em toda a China. Porém, ela foi anunciada publicamente apenas no dia 21 de janeiro.

Ela representa uma mudança geracional e política em uma das dioceses históricas da China, onde se cruzam forças estatais, eclesiais e diplomáticas sob o olhar atento do governo.

Dom Hui foi nomeado como bispo coadjutor pelo Papa Francisco em 11 de janeiro de 2021, sendo o quinto bispo chinês a ser nomeado e ordenado no âmbito do Acordo Provisório sobre a Nomeação de Bispos na China.

O acordo, assinado pela primeira vez em 2018 e renovado várias vezes desde então, busca unificar o processo de nomeação de bispos na China, permitindo que tanto Roma quanto Pequim tenham participação na seleção. Embora envolto em sigilo, o acordo é amplamente visto como um compromisso após décadas de relações conturbadas entre a Santa Sé e a China, que romperam relações diplomáticas na década de 1950.

Nos termos do acordo, um bispo coadjutor detém o direito de sucessão automática quando o atual bispo diocesano se aposenta ou falece — um acordo que facilitou a transição de Hui após a aposentadoria de Han, prorrogada por uma década.

O bispo Han, que liderava a diocese desde 1999, renunciou formalmente durante a cerimônia de 15 de janeiro. Ele expressou gratidão às autoridades civis locais e manifestou apoio à política chinesa de “sinicização da religião”, uma iniciativa que enfatiza a adaptação das religiões aos valores socialistas e às tradições culturais, sob a orientação dos princípios do Partido Comunista.

Uma nova etapa para Pingliang

Em seu discurso de posse, o bispo Hui comprometeu-se a manter a orientação pastoral de seu predecessor, ao mesmo tempo em que guiará a diocese em conformidade com as políticas religiosas oficiais do país. Ele manifestou a intenção de “aprofundar o patriotismo e o amor pela Igreja, promover a adaptação do catolicismo à sociedade socialista e escrever uma nova página na santa causa missionária”, conforme relatado pelo Xinde.

A declaração reflete o delicado papel que muitos bispos na China precisam desempenhar — equilibrar deveres eclesiais com as expectativas políticas impostas pela Conferência dos Bispos da

Igreja Católica na China, reconhecida pelo Estado, e pela Associação Patriótica Católica Chinesa, entidades não reconhecidas pelo Vaticano.

Sinicização

Introduzida pela primeira vez pelo presidente Xi Jinping em 2015, a “sinicização” da religião exige que todas as comunidades de fé se alinhem mais estreitamente à cultura chinesa e à liderança do Partido Comunista. Seus defensores a apresentam como um projeto de adaptação cultural e integração nacional. Críticos, porém, a descrevem como uma campanha política voltada à vigilância, ao controle e à conformidade ideológica dos grupos religiosos.

O debate sobre a sinicização continua sendo especialmente delicado dentro da Igreja Católica, dada sua estrutura internacional e lealdade ao Vaticano. A tensão ressalta o envolvimento cauteloso que tanto o Vaticano quanto a China mantêm ao lidar com interesses comuns na proteção da prática religiosa, ao mesmo tempo em que afirmam sua soberania sobre a autoridade eclesiástica.

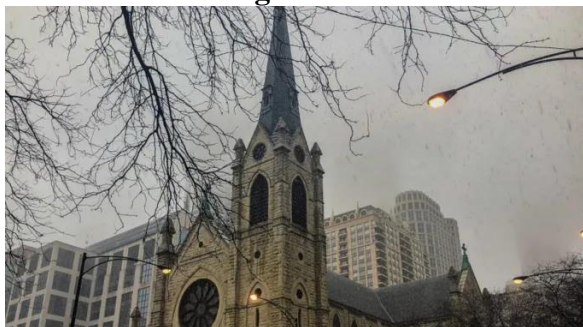
Uma Diocese com raízes profundas

A Diocese de Pingliang, que abriga cerca de 12 mil católicos, tem suas origens nos esforços missionários do início do século XX. De acordo com a agência de notícias do Vaticano, Fides, a comunidade católica da região começou a se formar na década de 1910 e foi elevada à categoria de diocese em 1950 — apenas um ano após a ascensão do Partido Comunista ao poder, que reconfigurou profundamente o cenário religioso chinês.

Hoje, os católicos representam apenas cerca de 2% da população de 1,4 bilhão de habitantes da China, conforme relatório do *Pew Research Center* de 2023, sendo que aproximadamente 90% dos cristãos chineses se identificam como protestantes. Em uma comunidade pequena, mas dedicada como essa, as mudanças de liderança carregam um peso pastoral e político considerável.

Fonte: Gaudium Press

Católicos de Chicago lamentam fechamento de seis escolas



Catedral do Santo Nome em Chicago, EUA. | Edlane De Mattos/Shutterstock
Por Kate Quiñones

Segundo a arquidiocese de Chicago, EUA, seis escolas católicas fecharão no fim do ano letivo por falta de procura e déficits acumulados.

As escolas St. Francis Borgia, St. Bruno and Richard, St. Jerome, St. Stanislaus Kostka, Our Lady of Humility e St. Hubert fecharão no fim do ano letivo de 2026.

O superintendente das escolas da arquidiocese, Greg Richmond, disse em comunicado que as escolas "não eram mais sustentáveis", apesar dos esforços para arrecadar fundos e aumentar o número de matrículas.

A Academia São Estanislau Kostka, escola católica polonesa fundada há 151 anos, tem fortes laços históricos com a região. A paróquia, conhecida como São Estanislau, foi a primeira igreja católica polonesa em Chicago e, segundo relatos, sobreviveu ao Grande Incêndio de Chicago de 1871.

O padre Anthony Bus, CR, pároco da paróquia que administra a escola, disse que, apesar da generosidade dos paroquianos, a escola enfrentará um déficit de US\$ 500 mil (cerca de R\$ 2,6 milhões) até o fim do ano letivo.

“Meu coração se parte por todos vocês que encontraram um refúgio saudável e sagrado para seus filhos na Academia São Estanislau Kostka”, disse Bus num comunicado aos paroquianos e familiares. “A dedicação do corpo docente e da equipe, o amor que demonstram por seus filhos e os sacrifícios que fizeram são admiráveis”.

“Ao longo dos anos, trabalhei com muitos de vocês e suas famílias em meio a crises e desafios pessoais e familiares”, disse Bus. “Dividimos a alegria de casamentos, batismos e outros eventos

religiosos, e a tristeza que acompanha a morte de entes queridos, oferecendo despedidas sagradas no rito de Exéquias. Saibam que as portas da paróquia estão sempre abertas para todos vocês, 24 horas por dia, sete dias por semana”.

St. Francis Borgia, fechará no fim do ano. Famílias e ex-alunos arrecadaram fundos *online* para manter a St. Francis Borgia aberta, mas ainda assim não foi suficiente.

No início do ano letivo, as famílias ficaram sabendo que a arquidiocese precisava de um adiantamento de US\$ 400 mil (cerca de R\$ 2 milhões) nos próximos dois meses para que a escola pudesse continuar funcionando, então começaram a arrecadar fundos *online*.

“Perder essa escola seria devastador para nossa comunidade”, dizia a publicação de Julio Mendoza na plataforma GoFundMe.

“A Escola São Francisco de Borgia tem sido, há muito tempo, um pilar de uma comunidade trabalhadora e operária, oferecendo não só um ensino acadêmico sólido, mas também um ambiente centrado na fé que molda os futuros líderes”, escreveu Mendoza. “Nossos alunos se formam regularmente e conquistam bolsas de estudo do ensino médio, além de terem um desempenho excepcional, graças à sólida base construída aqui”.

“Nossos alunos regularmente atingem o nível de escolaridade ou o superam em taxas muito superiores às de muitas escolas vizinhas”, disse ele. “Esses resultados demonstram a dedicação de nosso corpo docente, o envolvimento de nossas famílias e o comprometimento de nossos alunos”.

Apoiadores arrecadaram cerca de US\$ 7 mil (cerca de R\$ 36,4 mil) por meio de uma campanha no GoFundMe — 2% do valor exigido pela arquidiocese.

“St. Francis Borgia não é uma escola qualquer”, disse Mendoza. “É onde nossos filhos formam amizades para a vida toda. É onde os professores conhecem cada aluno pelo nome. É onde a fé encontra a educação e onde os alunos se sentem seguros, apoiados e amados”.

A escola paroquial de São Jerônimo também enfrentava um déficit previsto de valor semelhante — cerca de US\$ 450 mil (cerca de R\$ 2,3 milhões).

“Embora eu esteja em conflito com essa decisão, preciso aceitá-la porque não temos os meios financeiros para manter a escola neste momento”, disse o padre Antonio Musa, OFM, pároco da região, numa carta à comunidade.

Musa citou a perda de bolsas de estudo estaduais como um fator que obrigou muitas famílias a retirar seus filhos da escola.

“A perda de verbas governamentais para bolsas de estudo, que foram retiradas das escolas católicas pelo Estado de Illinois nos últimos dois anos, afetou as famílias de nossa escola e, como resultado, perdemos muitos alunos”, disse ele.

Mas Musa ainda espera “dar continuidade à importante missão da educação católica na paróquia de São Jerônimo”.

“Queremos assegurar-lhes que vocês e seus filhos são bem-vindos para continuarem servindo como coroinhas, leitores, recepcionistas, cantores e portadores de ofertas em nossa igreja”, disse Musa. “Vocês são nossos paroquianos e não vamos desistir de vocês!” - Fonte: ACIDigital

Freiras deixam a Nicarágua depois de anos de evangelização e serviço



As primeiras Irmãs Terciárias Capuchinhas da Sagrada Família chegaram à Nicarágua em 1992. / YouTube - Congregação das Irmãs Terciárias Capuchinhas

Por Walter Sánchez Silva

As irmãs terciárias capuchinhas da Sagrada Família anunciaram sua saída da Nicarágua depois de um "discernimento congregacional", dizendo que os objetivos que as levaram ao país centro-americano "foram cumpridos". Elas negaram terem sido expulsas.

“Em vista das informações falsas que circulam nas redes sociais, desejamos esclarecer o motivo do encerramento de nossa presença em Totogalpa, Nicarágua”, disseram as freiras num comunicado à imprensa divulgado no último sábado (24).

“Depois de um período de discernimento congregacional, reconheceu-se que os objetivos que nos trouxeram a estas terras foram cumpridos”, diz o texto assinado pela irmã Maribelle Umaña Machado, superiora provincial da província de Nossa Senhora de Guadalupe. “Portanto, foi tomada a decisão de encerrar nossa presença pastoral, confiando que a semente plantada continuará crescendo nas mãos desta comunidade paroquial”.

Denúncias de assédio

Jornalistas renomados, como Miguel Mendoza, nicaraguense radicado em Miami, Flórida, EUA, disseram que elas tinham sido forçadas a deixar a Nicarágua sob pressão do presidente Daniel Ortega e de sua mulher e co-presidente, Rosario Murillo, “pondo fim a mais de 30 anos de trabalho pastoral, evangelizador e social na cidade indígena Chorotega de Totogalpa, no departamento de Madriz”.

Em sua conta na rede social Facebook, Mendoza disse que “a decisão foi oficialmente confirmada no último sábado (24), numa reunião na casa pastoral da paróquia de Santa Maria Madalena, onde foi relatado que as freiras devem deixar o país permanentemente”.

Por décadas, as irmãs terciárias capuchinhas da Sagrada Família têm ajudado a comunidade local com catequese, formação de líderes leigos, auxílio em desastres como o ocorrido devido ao furacão Mitch, que atingiu a Nicarágua em 1998, e colaboração com a Cáritas. Segundo Mendoza, no ano passado elas viveram “sob constante assédio, o que as levou a receber um ultimato” e ao medo de “confisco de seus bens”.

Martha Patricia Molina, pesquisadora nicaraguense exilada e autora do relatório *Nicarágua: Uma Igreja Perseguida*, disse à ACI Prensa, agência em espanhol da EWTN, na última segunda-feira (26) que as freiras “publicaram que, depois de um período de discernimento, estão indo embora”.

“Todas dizem a mesma coisa”, diz ela.

“Eles não as colocaram em um avião ou ônibus, mas elas estão sendo forçadas a partir, e parece que depois de 35 anos vivendo bem na Nicarágua, elas decidem partir por vontade própria, quando na verdade são o Departamento de Migração e o Ministério do Interior que as colocaram nessa situação”, diz ela. “Elas são forçadas a publicar essas declarações”.

A pesquisadora disse à ACI Prensa, no início deste ano que, entre 2018 e o fim do ano passado, 43 propriedades foram confiscadas da Igreja, e o regime perpetrou 1.030 ataques contra católicos, além de ter proibido 18.808 procissões.

Nos últimos anos, congregações femininas como as missionárias da Caridade (2022) — conhecidas como as irmãs de santa madre Teresa de Calcutá —, as irmãs Dominicanas da Anunciação (2023) e as religiosas da Cruz do Sagrado Coração de Jesus, entre outras, foram forçadas a deixar a Nicarágua.

Molina publicou um comentário em sua conta na rede social Facebook sobre a saída das freiras, junto com várias fotografias, inclusive sua declaração, na qual ela diz: “Congregações religiosas estão sendo assediadas e várias delas estão sendo coagidas e extorquidas. Algumas congregações cedem às ameaças, enquanto outras não conseguem e são FORÇADAS a encerrar sua presença pastoral”.

Declaração da arquidiocese de Manágua

A arquidiocese de Manágua, Nicarágua, chefiada pelo cardeal Leopoldo Brenes, falou sobre a partida das irmãs terciárias capuchinhas da Sagrada Família e agradeceu-lhes pelo serviço prestado “na paróquia de Totogalpa, por mais de vinte anos na diocese irmã de Estelí”.

Estelí é uma diocese com sé vacante, ou seja, está sem bispo desde 2021. Seu administrador apostólico, ou chefe temporário, é monsenhor Rolando Álvarez, que também é bispo de Matagalpa, **expulso** pelo regime em janeiro de 2024. Hoje, ele vive exilado em Roma.

Em seu comunicado, a arquidiocese diz que se comunicou com as freiras, que disseram oficialmente que sua saída da província eclesiástica se deve a decisões autônomas de sua congregação e não a razões externas à sua comunidade.

As freiras negam "perseguição" por parte do regime

A ACI Prensa contactou as irmãs terciárias capuchinhas da Sagrada Família e, na última segunda-feira (26), recebeu uma resposta da irmã Elia Julia Rosales, secretária provincial da Província de Nossa Senhora de Guadalupe, que disse: “Em relação ao conteúdo que circula nas redes sociais e em alguns meios de comunicação, desejamos reiterar claramente que nossa posição oficial é a expressa no AVISO OFICIAL e no comunicado 08/2026, de 24 de janeiro de 2026”.

“NÃO é verdade que as irmãs terciárias capuchinhas da Sagrada Família foram forçadas a deixar a Nicarágua devido a pressões externas”, diz a freira, reafirmando o que foi dito na declaração de sua congregação a sobre a partida de Totogalpa: os objetivos de sua missão “foram cumpridos”.

“Quaisquer declarações sobre expulsão, ultimatos, assédio, confiscos, venda forçada de bens ou outras expressões semelhantes não correspondem à nossa comunicação oficial”, diz a freira.

A freira diz que “no que diz respeito à abordagem de perseguição, queremos ser igualmente claras: em nossa experiência e no âmbito desta decisão, não vivemos nem relatamos nenhuma situação de perseguição”.

Respondendo sobre o destino das freiras que deixaram Totogalpa, a irmã Rosales disse que “por razões de prudência e segurança, não fornecemos informações operacionais ou sensíveis sobre o número de freiras, nacionalidades, itinerários, transferências ou destinos específicos em qualquer país onde tenhamos presença”.

“Não comentamos declarações feitas por terceiros”, conclui ela. “Só remetemos aos nossos canais oficiais”.

Fonte: ACIDigital

Grupo de leigos que acompanha vítimas de abuso em Portugal critica ‘visão sacralizada do padre’



Grupo VITA apresenta relatório de atividades / Agência ECCLESIA/PR

Por Natalia Zimbrão

A “visão sacralizada” da “figura sacerdotal” é um dos desafios para a prevenção e denúncia de casos de abusos de menores e vulneráveis em Portugal, segundo o Grupo VITA, que acompanha vítimas de abusos na Igreja local.

“A percepção dos sacerdotes como figuras divinas ou moralmente superiores reforça a desigualdade de poder e dificulta a denúncia de comportamentos abusivos”, diz a entidade em seu Relatório de Atividades IV, apresentado ontem (27).

Para o VITA, “esta visão sacralizada pode levar fiéis – especialmente crianças e adultos vulneráveis – a acreditar que o sacerdote ‘não pode falhar’, criando um ambiente onde o questionamento é visto como desrespeito”. Consequentemente, diz o relatório, “vítimas e testemunhas podem sentir medo, culpa ou vergonha de denunciar, receando represálias sociais ou espirituais”.

“Esta idealização contribui para a perpetuação do silêncio e para a invisibilidade da violência”, acrescenta o documento.

O relatório cita também como um desafio a “assimetria de poder”, isto é, “desequilíbrios significativos entre crianças e adultos, bem como nas estruturas eclesiais, onde a autoridade espiritual e hierárquica é fortemente valorizada”.

“Estes desequilíbrios criam contextos em que a obediência é incentivada e a contestação é desencorajada, aumentando a probabilidade de abusos de poder”, diz, ressaltando que esta assimetria está ligada ao “abuso de consciência, espiritual e/ou sexual”, porque a autoridade pode ser “instrumentalizada para manipular, silenciar ou controlar”.

O Grupo VITA recomenda a “reconfiguração da figura sacerdotal” e considera que “a desconstrução da percepção do sacerdote como figura intocável ou divinizada é essencial para prevenir abusos e promover relações mais saudáveis”.

“Ações de sensibilização dirigidas às comunidades podem ajudar a reforçar a ideia de que o sacerdote é um agente pastoral com responsabilidades humanas, éticas e legais, e não uma autoridade absoluta”, diz o relatório, ressaltando que essa reconfiguração “favorece uma cultura de proximidade, responsabilidade e igualdade, onde o questionamento é legítimo e a prestação de contas é vista como parte integrante da missão pastoral”.

Para a entidade, é preciso reduzir as “assimetrias de poder”, o que “exige a implementação de práticas que promovam relações mais horizontais entre crianças e adultos, bem como entre diferentes níveis da hierarquia eclesial”.

Outros desafios e propostas

O Grupo VITA elencou em seu relatório uma lista com outros desafios para a prevenção e denúncia de casos de abusos de menores e vulneráveis. Um desses desafios, sendo a entidade, é a “descredibilização das vítimas e sobreviventes”, o que se manifesta por “dúvidas, minimização ou culpabilização, criando um ambiente hostil à revelação”.

O relatório também fala da “ausência de estruturas uniformizadas” nas dioceses e congregações, o que “fragiliza a confiança das vítimas e sobreviventes e dificulta a coordenação nacional”; “falta de prestação de contas”; persistência de “constrangimentos na articulação com algumas Comissões Diocesanas, que continuam a atuar de forma pouco integrada e com níveis distintos de maturidade organizacional”; demora nas respostas “às vítimas e sobreviventes” e “ao Grupo VITA”; a prevalência de “uma abordagem que enfatiza a condição de ‘vítima’” e não valoriza o “papel ativo dos sobreviventes no seu próprio processo de recuperação”; o fato de o conceito de “adulto vulnerável” ser “subjetivo e pouco uniformizado”; a necessidade de passar de “uma abordagem reativa – centrada na resposta após a ocorrência – para uma cultura de prevenção primária”; o fato de se confundir “prevenção da violência sexual com debates sobre sexualidade ou ideologia de gênero”.

O Grupo VITA ressalta ainda que “a percepção de que os abusos são um problema ‘resolvido’ ou circunscrito a épocas anteriores cria uma falsa sensação de segurança”.

Segundo o relatório, “combater” essa narrativa “é essencial para manter o compromisso com a proteção”. “É necessário sublinhar que o risco continua a existir e que a vigilância, a formação e o acompanhamento devem ser contínuos. O reconhecimento da atualidade do problema reforça a urgência de agir e de consolidar uma cultura de proteção permanente”, diz.

Dados sobre abusos na Igreja em Portugal

O Grupo VITA foi criado em 22 de maio de 2023 pela Conferência Episcopal Portuguesa (CEP), depois da divulgação, em fevereiro daquele mesmo ano, do relatório final da Comissão Independente (CI) para o Estudo dos Abusos Sexuais de Crianças na Igreja Católica em Portugal. Segundo o documento, de 1950 a 2022 há pelo menos 4.815 vítimas no país.

Em seu site, o VITA diz ser “um grupo isento, autónomo e independente, que visa acolher, escutar, acompanhar e prevenir as situações de violência sexual de crianças e adultos vulneráveis no contexto da Igreja Católica em Portugal, numa lógica de intervenção sistêmica”.

O relatório apresentado ontem apresenta um balanço do trabalho do grupo. Segundo os dados, “desde o início de suas funções”, o VITA recebeu 850 chamadas telefônicas e foi contatado por 154 vítimas e sobreviventes e “um agressor do sexo masculino”.

O grupo revelou que, das “86 vítimas e sobreviventes escutadas” pelo VITA, a maioria é do sexo masculino e solteira, com uma média de 55 anos de idade. A maior parte reside na área metropolitana de Lisboa ou na região Norte do país. “Trata-se, em geral, de uma população escolarizada, metade encontra-se profissionalmente ativa e cerca de 20% está reformada”, diz o relatório.

Os casos de abusos aconteceram entre 1955 e 2023, sendo a maior incidência nas décadas de 1960, 1970 e 1980. “Cerca de 30% das vítimas e sobreviventes revelaram os abusos apenas agora e, em aproximadamente 20% dos casos, a primeira revelação foi feita diretamente ao Grupo VITA”.

Os abusos, segundo o relatório, duraram de 1 a 10 anos “para cerca de 45% das vítimas e sobreviventes, sendo que metade destes casos se concentrou no intervalo de 1 a 2 anos”. E a idade mais frequente da primeira ocorrência do abuso é entre 10 e 11 anos.

Segundo o relatório, “a quase totalidade das vítimas e sobreviventes identifica o agressor como sendo do sexo masculino e associado a contextos da Igreja”. O documento diz ainda que, na maioria dos casos, o agressor “é sacerdote (91,8%)”.

Entre as estratégias usadas pelo agressor, o relatório cita, “sobretudo, abuso de autoridade, aproveitamento da relação de confiança e familiaridade, bem como engano, confusão e surpresa”. Entre os motivos para não ter revelado o fato na época em que aconteceu, estão “sentimentos de vergonha, medo, culpa e receio de não serem acreditados”.

Pedidos de compensação financeira

Em abril de 2024, a CEP e a Conferência dos Institutos Religiosos de Portugal (CIRP) aprovaram a atribuição de compensação financeira a vítimas de abusos sexuais contra crianças e vulneráveis na Igreja em Portugal. A apresentação formal dos pedidos teve início em 1º de junho e terminou em 31 de março de 2025. As conferências solicitaram ao Grupo VITA colaboração neste processo.

Segundo o relatório apresentado ontem, foram recebidos, até o momento, 95 pedidos de compensação financeira por parte de vítimas de abusos no contexto da Igreja. Desses, 11 “foram arquivados liminarmente”.

Foram entrevistadas 75 pessoas e nove pedidos mais recente “estão em fase de agendamento”. “Até ao momento, 91% dos pareceres foram já enviados à comissão responsável pela fixação das compensações”, diz o relatório.

Fonte: ACIDigital

Assessor da Comissão da CNBB diz que baixos nascimentos no Brasil ‘chamam à reflexão e à ação’



Imagem ilustrativa | Shutterstock/Studio Romantic

Por Monasa Narjara

O Brasil registrou em 2024 menos nascimentos pelo sexto ano consecutivo e maior número de mortes, segundo a última pesquisa Estatísticas do Registro Civil do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). “Esses indicadores nos chamam à reflexão e à ação”, disse o assessor da Comissão Episcopal para a Vida e a Família da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), padre Rodolfo Chagas Pinho, à ACI Digital. “A vida humana é sempre um bem e a família é seu ambiente natural de cuidado e acolhida”.

Segundo o IBGE, o país teve 2,38 milhões de nascimentos ocorridos em 2024, uma queda de 5,8% em relação a 2023, que eram de 2,52 milhões. Já o número de mortes teve um aumento de 4,6% em relação a 2023, que eram de 1,3 milhões. Esta quantidade de mortes só fica apenas 0,6% abaixo de 2022, período em que o país sofria com a pandemia de covid-19.

A baixa natalidade ocorreu em todas as grandes regiões do país, segundo a pesquisa. No Sudeste foi -6,3%, no Norte -6,2%, no Sul -6,0%, no Nordeste -5,3% e no Centro-Oeste -4,7%. O Estado com maior queda de nascimentos foi o Acre com -8,7%, seguido de Rondônia com -8,6% e Piauí com -8,2%. O Estado com a menor redução de nascimento foi Paraíba com -1,9%, seguido de Alagoas com -2,4% e Goiás com -3,0%.

Em relação à quantidade de mortes no país, a estatística mostrou que em 2024, 90,9% das mortes foram por causas naturais; 6,9%, por causas externas e 2,2% não foi possível obter o tipo de morte. O crescimento no número de mortes foi verificado em todas as regiões do país. O Sul teve 7,4%; o Centro-Oeste 6,2%; o Sudeste 4,0% e o Nordeste 3,8%. O Estado com maior mortes foi o Distrito Federal com 11,6%. Depois o Rio Grande do Sul com 7,6%; Santa Catarina e Goiás ambos com 7,5% e Paraná com 7,0%. O único Estado com queda nas mortes foi Roraima com -5,7%.

Segundo padre Rodolfo Chagas, “a queda continuada da natalidade e o aumento da mortalidade exigem resposta multisetorial”. Para o padre, são “medidas públicas que apoiem a maternidade e paternidade acesso à saúde materno-infantil, creches, licenças compatíveis, políticas de emprego decente, iniciativas que reduzam a pobreza e a insegurança, e uma atenção pastoral renovada às famílias”.

“Não é inesperado, nem necessariamente incoerente que muitas pessoas” católicas, “que se declaram pró-vida não estejam, na prática, “abertas à vida” no sentido demográfico”, disse padre Rodolfo Chagas. “A lacuna costuma ser explicada por fatores materiais, culturais e pela forma como se articula a linguagem pública”.

“Para a Comissão, a resposta mais eficaz não é apenas reafirmar o princípio, mas combinar defesa moral da vida com ações concretas que reduzam os obstáculos para que a escolha de gerar filhos seja também uma escolha possível e digna”, disse o assessor. “Em muitos contextos “ser pró-vida” refere-se sobretudo à defesa legal e moral da vida do nascituro. Isso é um posicionamento sobre um tema concreto — não implica automaticamente disposição pessoal a ter mais filhos” porque “alguém pode apoiar a vida enquanto princípio e, ao mesmo tempo, considerar prudente ou responsável limitar o tamanho da própria família dadas suas circunstâncias”.

Empecilhos estruturais, culturais e pessoais

“A Comissão Vida e Família da CNBB entende que existem vários empecilhos estruturais, culturais e pessoais que hoje dificultam que as famílias se abram mais à vida”, disse padre Rodolfo Chagas.

“Precariedade do emprego, informalidade e baixos salários reduzem a confiança dos casais na possibilidade de sustentar filhos; alto custo de moradia, alimentação, educação e saúde; deficiências em oferta de creches públicas e pré-escolas acessíveis; licença parental insuficiente e pouco incentivada para partilha entre mãe e pai; jornada de trabalho extensa ou sem flexibilidade; projetos de vida que priorizam estudos, carreira, mobilidade geográfica e consumo; percepção de insegurança pública, violência urbana e imprevisibilidade social que inibem decisões familiares; preocupações com futuro ambiental, mudanças climáticas e sustentabilidade como elementos que influenciam decisões reprodutivas; saúde mental (ansiedade, depressão) que afeta planejamento familiar; necessidade de articular defesa da vida com justiça social, já que, proteger a vida também é promover condições materiais e sociais para vivê-la bem; vulnerabilidade especial de famílias pobres, mães solo, adolescentes e trabalhadores informais”.

Declínio da taxa de fecundidade

Os dados do Censo Demográfico de 2022 sobre Fecundidade no Brasil divulgados pelo IBGE em 27 de junho, também revelaram que as brasileiras estão tendo menos filhos: 1,55 filho por mulher. Um número abaixo do chamado “nível de reposição” para manter a população estável ao longo das gerações, que é de 2,1 filhos por mulher. Entre as religiões, a menor Taxa de Fecundidade Total (TFT) foi a das mulheres espíritas: 1,01%; a segunda menor é das mulheres da umbanda e candomblé: 1,25%; as mulheres de outras religiosidades: 1,39%, as sem religião: 1,47% e as católicas: 1,49%. O único grupo com maior TFT e acima da média foi o das mulheres evangélicas: 1,74%.

Os resultados ainda mostraram que as mulheres estão cada vez mais adiando a maternidade ou não tendo filhos. Em 2010, a idade média de fecundidade era de 20 a 24 anos. Em 2022, essa idade passou para 25 a 29 anos. Em 2010, o percentual das brasileiras de 50 a 59 anos que não tiveram filhos era de 11,8%. Em 2022 subiu para 16,1%.

Alto índice de infertilidade

“No quadro demográfico do Brasil, a infertilidade aparece como um entre vários fatores”, disse padre Rodolfo Chagas. Mas “os principais determinantes do declínio de nascimentos continuam sendo mudanças de comportamento reprodutivo, econômicas e socioculturais”.

“Ainda assim, a Comissão considera parte da situação e atua no preventivo para ajudar casais afetados e diminuir o impacto dessa condição, principalmente na opção da fecundidade da adoção”, disse.

A Igreja pode e deve estimular o desejo por filhos

“A Igreja pode e deve estimular o desejo por filhos articulando anúncio teológico com ações concretas, pois a vida é sempre um bem”, disse o assessor da Comissão da CNBB

Para ele, “a ação da Igreja deve combinar linguagem teológica e pastoral com medidas concretas que reduzam os obstáculos materiais e culturais à parentalidade”, promovendo à abertura da vida “sem coagir; estimular discernimento e apoio, não imposição”.

“*Como Igreja sinodal é necessário ouvir e acompanhar casais, sobretudo jovens, grávidas, mães solas e casais inférteis. Preservar a doutrina sobre a vida e a família, ao mesmo tempo em que se oferece acolhimento prático. Pode-se criar grupos de apoio a casais grávidos e mentoria de pais: par de famílias experientes acompanha casais jovens nos primeiros anos*”, disse o sacerdote.

Ele ainda destacou que a Comissão Vida e Família da CNBB propõe “integrar o tema da vocação familiar em catequese, preparação para o matrimônio. Sugerimos oferecer acolhimento especializado para casais inférteis: grupos de escuta, acompanhamento espiritual, encaminhamento a especialistas. Impulsionamos a implantar “mesas paroquiais” sobre parentalidade: encontros periódicos com psicólogos, assistentes sociais, médicos convidados. Incentivamos a desenvolver módulos sobre planejamento familiar responsável, fé e sexualidade para escolas católicas, pastorais da juventude e programas de formação de agentes. Pode-se ainda promover campanhas de prevenção de fatores de risco (tabagismo, obesidade, exposição ambiental) que afetam fertilidade e gestação”.

“Convidamos as dioceses, as paróquias e as instituições católicas a intensificarem ações de apoio às famílias, a colaborar com autoridades públicas na formulação de políticas que favoreçam a vida e a anunciar, com coragem, a beleza da vocação à família”, disse o padre Rodolfo Chagas ressaltando que a Comissão Vida e Família da CNBB “continuará acompanhando os desdobramentos e se colocando à disposição para diálogo com as esferas públicas e com a sociedade civil”.

Fonte: ACIDigital

Cinco santos e beatos viveram o terror do campo de extermínio de Auschwitz



Santos e beatos viveram o terror do campo de extermínio de Auschwitz

Por Redação central

Hoje (27), faz 81 anos da libertação do campo de concentração e extermínio nazista de Auschwitz-Birkenau, Polônia, onde mais de um milhão de pessoas foram vítimas do genocídio dirigido pelo regime nazista.

Entre tantas pessoas que sofreram perseguição, há católicos que decidiram entregar suas vidas para defender sua fé e seus princípios. Conheça a história de cinco santos, beatos e mártires que nos ensinam como ser luz em meio à escuridão da crueldade humana.

1. São Maximiliano Kolbe

São Maximiliano Kolbe nasceu em 8 de janeiro de 1894 na cidade polonesa de Zdunska Wola, que naquele tempo estava ocupada pela Rússia.

Estando como estudante em Roma, fundou a “Milícia da Imaculada”, a fim de promover o amor e o serviço à Virgem Maria e a conversão das almas a Cristo. De volta à Polônia, publicou a revista mensal “Cavaleiro da Imaculada”.

Em 1929, fundou a primeira “Cidade da Imaculada”, no convento franciscano de Niepokalanów a 40 quilômetros de Varsóvia. Tempos depois, ofereceu-se como voluntário para ir para o Japão.

Retornou à Polônia em plena Segunda Guerra Mundial, foi preso, libertado e preso novamente. Foi enviado ao campo de concentração de Auschwitz. Certo dia, um prisioneiro fugiu e, para dar demonstração de severidade, os alemães escolheram 10 prisioneiros que foram condenados a morrer de fome. Entre os homens escolhidos estava o sargento Franciszek Gajowniczek, também polonês, que exclamou: “Meu Deus, tenho esposa e filhos”.

Diante disso, padre Maximiliano se ofereceu para trocar de lugar com o condenado. O padre foi levado para o subterrâneo, onde incentivou constantemente os demais presos a seguir unidos em oração. Todos morreram e apenas ele ficou vivo. Ao final, aplicaram-lhe uma injeção letal que acabou com sua vida em 14 de agosto de 1941.

2. Santa Teresa Benedita da Cruz

Edith Stein, mais tarde irmã Teresa Benedita da Cruz, nasceu em Breslau em 1891, cidade que pertenceu à Alemanha e que, depois, passou para a Polônia. Na adolescência, deixou a observância da religião judaica de sua família.

Mais tarde, chegou a ser uma brilhante estudante de fenomenologia na Universidade de Göttingen. O filósofo Edmund Husserl, fundador da fenomenologia, escolheu-a como sua assistente de cátedra em vez de Martin Heidegger, um dos pensadores e filósofos mais influentes do século XX, que integrou o partido Nazista durante a Segunda Guerra Mundial. Finalmente Edith recebeu o título de Filosofia da Universidade de Freiburg.

Depois de ler, na casa de um casal de amigos, a História da Vida, de Santa Teresa de Ávila, Edith decidiu se tornar católica. Buscou a ajuda de um sacerdote e foi batizada em 1922. Aos poucos, foi brotando nela a inquietude vocacional, enquanto era acompanhada por seu diretor espiritual. Em 15 de abril de 1934, tomou o hábito carmelita em um mosteiro na Holanda e tomou o nome de Teresa Benedita da Cruz.

As forças de ocupação nazistas na Holanda declararam todos os católicos-judeus como “apátridas”. Um corpo militar nazista entrou no convento carmelita e levou a Teresa e Rosa, sua irmã, para o campo de concentração de Auschwitz, junto com milhares de judeus.

Imediatamente, os prisioneiros foram conduzidos para a câmara de gás e santa Teresa Benedita da Cruz morreu em 9 de agosto de 1942, oferecendo sua vida pela salvação das almas, a libertação do seu povo e a conversão da Alemanha.

Santa Teresa Benedita da Cruz foi canonizada em 1998 por São João Paulo II, que lhe deu o título de “mártir do amor” e, em outubro de 1999, foi declarado copadroeira da Europa.

3. Beato padre José Kowalski

José Kowalski nasceu em 13 de março de 1911, em Siedliska, Polônia, um pequeno povoado camponês. Pertenceu a uma família profundamente católica, por isso, foi batizado em 19 de março, dia em que se celebra a festa de São José.

O beato se destacava por seu serviço, atenção e trabalho árduo, assim como por sua disposição para poiar os jovens e no serviço de confissões. Seu zelo por aproximar mais as pessoas de Cristo chamou a atenção do exército nazista, que o prendeu junto com outros onze salesianos em 23 de maio de 1941.

Entretanto, apesar dos riscos, padre José realizou sua pastoral no campo de concentração de Auschwitz. De acordo com os testemunhos, o beato organizava a oração cotidiana no campo.

Padre José Kowalski morreu na madrugada de 4 de julho de 1942, afogado no esgoto do campo, depois de ter sido torturado. Foi beatificado em 13 de junho de 1999.

“Com pleno conhecimento, com vontade decidida e disposta a todas as consequências, abraço a doce cruz do chamado de Cristo e quero levá-la até o final, até a morte”, disse o beato, que, seguindo o chamado de Deus, se uniu à congregação salesiana em 1927.

4. Serva de Deus Stanisława Leszczyńska

Leszczyńska nasceu em 8 de maio de 1896, na Polônia, em uma família católica. Em 1922, anos em que as mulheres costumavam dar à luz em suas casas, foi recebida como parteira na Universidade de Varsóvia.

Em 1916, casou-se com Bronisław Leszczyński, com quem teve dois filhos e uma filha. Entretanto, foi separada dos homens de sua família quando a Alemanha invadiu a Polônia em 1939.

Após ser capturada pelos nazistas, foi enviada junto com sua filha para o campo de concentração em Auschwitz, onde, como parte das práticas dos nazistas, as mulheres que engravidavam eram mortas, pois consideravam que os bebês eram “inúteis” e atrasavam os trabalhos das mães no campo de concentração.

Por isso, “Mutti” (Mãe), como apelidaram Stanisława no campo, teve que improvisar uma “sala de maternidade” nas barracas que se encontravam perto das caldeiras, que estavam infestadas de todos

os tipos de insetos e umidade. Porém, esse lugar se tornou a salvação de milhares de mães e bebês. A profunda fé católica da parteira a levou a batizar cada recém-nascido com o sinal da cruz na testa.

“Mutti” esteve em Auschwitz até sua libertação pelas tropas soviéticas em 27 de janeiro de 1945, morreu em 1974 e sua causa de canonização foi introduzida na diocese de Lodz.

5. Serva de Deus Maria Cecilia Autsch

Maria Cecilia Autsch, batizada como Ângela do Sagrado Coração, nasceu em Röllecken, Alemanha, em 1900.

Em 26 de outubro de 1933, mesmo ano em que Adolf Hitler subiu ao poder, Maria começou o postulante no convento das trinitárias de Mötz, Áustria, pequeno povoado do Tirol austríaco.

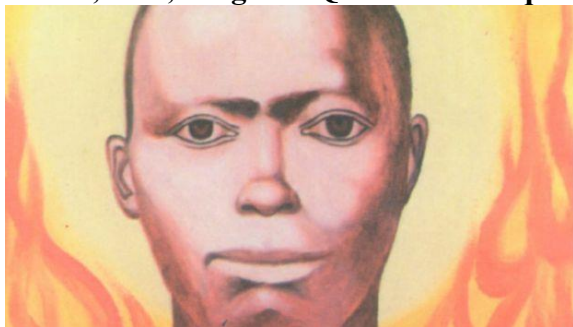
Foi presa pela Gestapo devido a “um comentário que fez enquanto fazia compras para o seu convento, em que manifestou que ‘Hitler é um flagelo para a Europa’”, segundo foi revelado nos documentos incorporados à sua causa.

Foi levada para o campo de concentração de Ravensbrück, Alemanha, e depois para o de Auschwitz, Polônia, onde, por ser alemã e enfermeira, foi destinada ao dispensário médico, onde conseguiu esconder mais rações de comida ou sabão para mulheres doentes.

Em 1944, a religiosa morreu depois de ser atingida por uma bomba durante um bombardeio no campo de concentração, enquanto ajudava os doentes a se refugiar.

Fonte: ACIDigital

Álcool, sexo, drogas... Quatro santos que superaram seus vícios



© *Kampala Archidiocese*

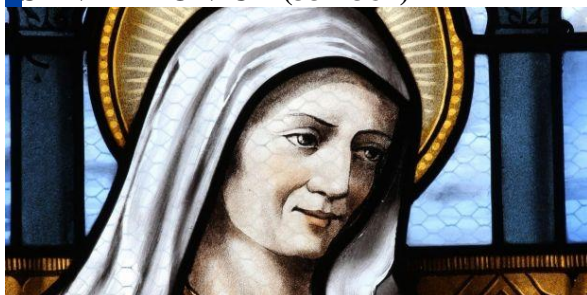
Theresa Civantos Barber -

A vida destes quatro santos testemunham o fato de que, apesar dos fracassos, pecados e vícios, as pessoas sempre podem mudar radicalmente e se santificar

Ovício é uma doença que geralmente se origina de uma dor profunda que é muito difícil de superar. Aqueles que lutam contra o vício nunca devem ser definidos por essa batalha. Há muito mais em cada pessoa do que suas próprias lutas: "Não definimos pessoas com um braço quebrado pelo braço. Da mesma forma, não devemos deixar que os transtornos mentais definam as pessoas que sofrem com eles ou suas famílias", disse recentemente o bispo John Dolan, de Phoenix, nos Estados Unidos.

Saber que muitos santos tiveram de lidar com vícios e que os superaram graças à sua fé pode nos dar muita esperança. Suas vidas testemunham que os vícios, pecados e fracassos podem ser superados a qualquer momento, e que todos, independentemente de sua origem, são chamados à santidade. Aqui estão quatro santos que superaram seus vícios e fizeram uma notável jornada de conversão. Suas lutas contínuas contra os vícios - em drogas, álcool ou mulheres - e suas conversões podem ser uma fonte de inspiração e um sinal de esperança para aqueles que passam pelas mesmas dificuldades.

1SANTA MÔNICA (331-387)



Fred de Noyelle I Godong

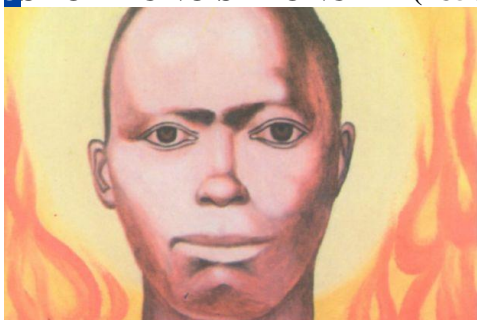
Em suas Confissões, Santo Agostinho conta que sua mãe Mônica, aos 15 anos de idade, muito antes de lhe dar à luz, tinha desenvolvido o hábito de beber vinho. Como ela estava sempre bêbada, um dia sua empregada a chamou de "uma garrafinha suja de puro vinho". Humilhada, Santa Mônica tomou consciência de seu comportamento impróprio. Orando ao Senhor e fortalecendo sua vontade, ela encontrou forças para corrigir seu vício em álcool de uma vez por todas.

2SÃO VLADIMIR (958-1015)

Fred de Noyelle / Godong

A vida de São Vladimir antes de sua conversão é uma das histórias de santos mais surpreendentes. Ele subiu ao trono, tornando-se príncipe de Kiev, depois de assassinar seu irmão. Ele vivenciou a depravação moral, a luxúria e muitos outros vícios. No entanto, após sua conversão à fé cristã, renunciou a suas 800 concubinas e mudou completamente sua vida. Ele permaneceu fielmente casado com apenas uma mulher e substituiu os templos pagãos de seu reino por igrejas.

3SÃO BRUNO SERONUMA (1856-1886)



© *Kampala Archidiocese*

Nascido em Uganda, Bruno Seronuma era filho do governante do reino de Buganda. Antes de se tornar católico, Seronuma era violento e viciado em álcool. Com sua conversão, ele procurou controlar seu temperamento explosivo e suas paixões. Ele procurou renunciar ao seu vício, passando muito tempo em oração e penitência. No final de sua vida, morreu como mártir de sua fé.

4BEATO BARTOLO LONGO (1841-1926)



Wikipedia / Domena publiczna

Embora tenha crescido em uma família católica, o italiano Bartolo Longo rejeitou a religião aos 10 anos de idade, quando sua mãe morreu. No decorrer de sua vida, ele se interessou pelas ciências ocultas e acabou se tornando um sacerdote satanista aos 20 anos de idade. Ele experimentou drogas e se tornou viciado. As orações fervorosas de sua família finalmente provocaram sua conversão radical e, desde então, ele dedicou sua vida a ajudar os pobres e a ensinar o poder da oração e do Rosário.

A vida desses santos e beatos pode ser uma verdadeira fonte de inspiração para aqueles que se sentem desanimados e desamparados diante de seus vícios. Eles são um lembrete de que nenhuma vida está quebrada para sempre e que, com nossa vontade, Deus pode transformar tudo!

Fonte: Aleteia

-----.